



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO – Ufersa
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RN – IFRN

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA:
NARRATIVAS RIMADAS E XILOGRAVURAS SOBRE LAMPIÃO**

VÂNIA KARLA DANTAS RICARDO DE MELO

Mossoró

2024

VÂNIA KARLA DANTAS RICARDO DE MELO

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA:
NARRATIVAS RIMADAS E XILOGRAVURAS SOBRE LAMPIÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra.

Linha de Pesquisa 1: Ensino de Ciências Humanas e Sociais

Orientador: Prof. Dr. Paulo Augusto Tamanini

Mossoró

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D192I Dantas Ricardo de Melo, Vânia Karla
A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE
HISTÓRIA: NARRATIVAS RIMADAS E XILOGRAVURAS
SOBRE LAMPIÃO. / Vânia Karla Dantas Ricardo de Melo.
- POSENSINO - IFRN/UFERSA/UERN, 2024.
91p.

Orientador(a): Prof. Dr. Paulo Augusto Tamanini.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Ensino). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Literatura de cordel.. 2. Xilogravura.. 3. Ensino de
História. 4. Lampião. I. Tamanini, Paulo Augusto. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

VÂNIA KARLA DANTAS RICARDO DE MELO

**A LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO DE HISTÓRIA:
NARRATIVAS RIMADAS E XILOGRAVURAS SOBRE LAMPIÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra.

Linha de Pesquisa 1: Ensino de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Augusto Tamanini

Aprovada em: 28/03/2024

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **PAULO AUGUSTO TAMANINI**
Data: 28/03/2024 12:57:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Paulo Augusto Tamanini (Orientador)
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

Documento assinado digitalmente
 **MADALENA PEREIRA DA SILVA**
Data: 28/03/2024 19:32:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Madalena Pereira da Silva (Examinadora Externa)
Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC-SC)

Documento assinado digitalmente
 **EMERSON AUGUSTO DE MEDEIROS**
Data: 11/05/2024 10:49:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros (Examinador Interno)
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

AGRADECIMENTOS

Sou grata pela vida, pelo imenso amor dos meus pais (Vera Lúcia Dantas Ricardo e Antônio Ricardo Neto) que estão presentes em cada passo dessa pesquisadora. Ah! Não posso esquecer, das lindas memórias do meu avô paterno e materno in memória (Pedro Ricardo de Oliveira e Antônio Dantas Sobrinho), minha avó (Maria Salete Dantas) sempre tão atenciosa e carinhosa a cada encontro, pelos irmãos que são presentes em constantes carinhos e são pilares fortes nesse lindo caminhar (Vanderlânia Dantas Ricardo e Anderson Dantas Ricardo). Aos meus amigos (as) que não são muitos, mas são os melhores amigos (as) que alguém pode ter (Aldinete Sales, Jailton Marcos, Brunna Rafaella, Mayra Luana, Polliana Guimarães, Jailma Melo). Sim, tenho referências maravilhosas dos excelentes profissionais e humanos que conheci ao longo da jornada, a docência é inspiração ao profissional que vendo sendo todos os dias (professor Fábio André, professora Jovelina Santos, professora Monalisa Porto, professor Daniel Aguiar, professor Gilson Lopes e ao professor Paulo Augusto Tamanini que caminha comigo nesse lindo processo de formação do mestrado.

No cotidiano acadêmico há diversos anseios na escrita e incessantes buscas e estresses, que caminham lado a lado dos (as) pesquisadores (as) e esse caminhar torna-se mais forte quando temos alguém que segura nossa mão, gratidão, ao meu esposo (Luilson Lucas de Melo). Por fim, sou grata, é uma palavra que tenho utilizado praticamente todos os dias, cada ser de luz que vem caminhando ao meu lado, sou grata pelos saberes e fazeres compartilhados.

Epígrafe

*Escrever é sonhar
escrever é meditar
todo dia, o dia inteiro,
fazer do vento uma escada,
do luar um candeeiro,
para ver o rosto de Deus
por detrás do nevoeiro.*

*É viajar dia e noite
no barco da liberdade,
num rio feito de versos
pela criatividade,
olhando pela janela
dos olhos da humanidade.*

*É construir com a mente
um mundo de ficção
colocar nele um baú
de métrica, rima e oração
para afogar o leitor
nas águas da emoção*

*É viver plantando sonhos
onde mais ninguém plantou,
sonhar colhendo a semente
do sonho que ele sonhou,
e sugar o mel das pétalas
da roseira que murchou.*

*É transformar um deserto
numa bonita savana,
viver dezessete séculos
num simples fim de semana.
e andar pelas veredas
das veias da raça humana.*

*É andar contando histórias
na caatinga do sertão
pisar em cima da pedra
onde pisou lampião
é ver a lua nascer
na palma de sua mão*

*É plantar grãos de esperança
numa batalha perdida,
replantar pontos e vírgulas
numa folha ressequida,
deitado nos pés do tempo
olhando o rosto da vida.*

*É andar pelas estradas
sem tirar os pés do chão,
almoçar ponto e vírgula,
jantar rima e oração,
e andar na mesma trilha
dos passos do coração.*

RESUMO

A presente pesquisa tematiza o uso da literatura de cordel como recurso didático para o ensino de história. Tem como objetivo geral analisar a literatura de cordel como fonte de ensino e compreensão acerca das representações da figura de Lampião, através das xilogravuras. Para tanto, a pesquisa se servirá de um acervo de cordéis e textos bibliográficos correlatos sobre a vida de Lampião. A abordagem é interdisciplinar e documental por relacionar a historiografia em uma perspectiva imagética no ensino da história e com os saberes da literatura. O trabalho inicia com a introdução, onde se apresentam a justificativa da temática, as problematizações e se levantam as hipóteses da pesquisa. O texto dissertativo está dividido em três seções: na primeira sessão observam-se as aproximações e as especificidades da Literatura e da História como áreas de saberes distintos, mas que se auxiliam quando se pensa didaticamente o ensino acerca de um passado. Na segunda seção, discutiremos as perspectivas teóricas e práticas em torno do ensino de história com textos literários, em especial o cordel. A terceira seção apresenta e analisa os cordéis que abordam a figura de Lampião, verificando sua aplicabilidade didática para o ensino de história. Como resultado, observamos que o uso dos cordéis auxilia os alunos a pensar a figura histórica de lampião se servindo de textos e imagens. Os cordéis selecionados podem ser debatidos no ensino de História a partir de seus aspectos político-sociais, relacionando-os com outras fontes históricas e dispondo-os em relação aos próprios textos literários. Assim, os poemas podem trazer à tona narrativas silenciadas e estereotipadas, ausentes nos livros didáticos convencionais, como apontado por Ramos Filho (2018). O uso do cordel como fonte histórica e metodologia de ensino pode favorecer a compreensão de que além da história oficial presente nos livros didáticos, existe também uma história construída a partir das experiências das massas populares como sujeitos históricos atuantes em seus ambientes, conforme destacado por Santos (2018). A literatura de cordel aliada à História não se limita apenas ao entretenimento, à métrica e à rima, mas também conduz o estudante à reflexão, crítica e questionamento das concepções naturalizadas e pré-concebidas. Considerando que a transformação de narrativas históricas em poemas de cordel envolve não apenas a métrica e a rima, mas também a adequação da sintaxe, do léxico e outros aspectos semânticos e pragmáticos, é importante observar esses elementos na análise e utilização desses materiais no ensino de História.

Palavras-chave: Literatura de cordel. Xilogravura. Ensino de História. Lampião.

ABSTRACT

This research focuses on the use of "literatura de cordel" (string literature) as a didactic resource for history teaching. Its general objective is to analyze "literatura de cordel" as a source for teaching and understanding representations of Lampião, through woodcut prints. To this end, the research will draw upon a collection of "cordéis" (string literature pamphlets) and related bibliographic texts about Lampião's life. The approach is interdisciplinary and documentary, relating historiography from an imagetic perspective in history teaching and with the knowledge of literature. The work begins with the introduction, presenting the justification for the theme, problematizations, and research hypotheses. The essay is divided into three sections: the first section examines the similarities and specificities of Literature and History as distinct areas of knowledge that complement each other when considering didactic teaching of the past. In the second section, we discuss theoretical and practical perspectives on teaching history with literary texts, especially "cordel." The third section presents and analyzes "cordéis" that address the figure of Lampião, verifying their didactic applicability for history teaching. As a result, we observe that the use of "cordéis" helps students to think about Lampião's historical figure using texts and images. The selected "cordéis" can be discussed in history teaching based on their political and social aspects, relating them to other historical sources and positioning them in relation to the literary texts themselves. Thus, the poems can bring forth silenced and stereotyped narratives, absent in conventional textbooks, as pointed out by Ramos Filho (2018). The use of "cordel" as a historical source and teaching methodology can favor the understanding that besides the official history present in textbooks, there is also a history built from the experiences of the popular masses as historical actors in their environments, as highlighted by Santos (2018). "Literatura de cordel" allied with History is not limited to entertainment, meter, and rhyme but also leads the student to reflection, criticism, and questioning of naturalized and preconceived conceptions. Considering that the transformation of historical narratives into "cordel" poems involves not only meter and rhyme but also the adaptation of syntax, vocabulary, and other semantic and pragmatic aspects, it is important to observe these elements in the analysis and use of these materials in history teaching.

Keywords: Literatura de cordel. Woodcut print. History teaching. Lampião.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Percurso metodológico da pesquisa.....	23
Figura 2 – Representação do bioma com mesorregiões do Nordeste.....	42
Figura 3 – Estados do Nordeste invadidos pelo bando de Lampião.....	46
Figura 4 – Linha do do tempo – trajetória de Lampião no Nordeste.....	47
Figura 5 – (a) Cordelista Braga – (b) capa do cordel Lampião, Rei do Cangaço.....	58
Figura 6: (a) Cordelista Cabral; (b) Capa do cordel <i>Lampião: herói ou bandido?</i>	58
Figura 7 Poeta: <i>Manoel D’Almeida Filho</i> – Cordel: <i>Os cabras de Lampião</i> (1965).....	61
Figura 8: (a) Cordelista Dila; (b) Capa do cordel <i>Lampião e Maria Bonita</i>	61
Figura 9: (a) Cordelista Antônio Francisco; (b) Capa do cordel <i>O ataque de Mossoró ao bando de Lampião</i>	62
Figura 10: (a) Cordelista Antônio Américo de Medeiros; (b) Capa do cordel <i>Lampião e sua história contada em cordel</i> ; (c) Capa do cordel <i>O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró</i>	62
Figura 11: (a) Cordelista Severino Inácio; (b) Capa do cordel <i>Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró</i>	63
Figura 12: (a) Cordelista Marcos Medeiros; (b) Capa do cordel <i>A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro</i>	64
Figura 13: (a) Cordelista Jorge Victor; (b) Capa do cordel <i>O Cangaço, sua Origem e os Bravos Cangaceiros</i>	66
Figura 14: Cordel – <i>Os cabras de Lampião</i>	66
Figura 15: Capas dos cordéis analisados.....	69
Figura 16: Etapas da produção da xilogravura.....	70
Figura 17: Diálogo entre texto e xilogravura.....	71
Figura 18: Representações de xilogravura – Lampião e Maria Bonita no Nordeste brasileiro...72	72
Figura 19: Representação de um vaqueiro no cordel de Medeiros (1996).....	72
Figura 20: Representação de Lampião no cordel de Dila (1978).....	73
Figura 21: Caracterização de Lampião em xilogravura.....	74
Figura 22: Cordel – Lampião e Maria Bonita.....	75
Figura 23: Cordel – Os cabras de Lampião.....	76
Figura 24: Cordel – Os cabras de Lampião.....	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Acervo de documentos, materiais e plataformas *on-line* utilizados na pesquisa..... p.18

Quadro 2: Caracterização dos cordéis analisados na pesquisa..... p.24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1 LITERATURA E HISTÓRIA: ENCONTROS NO PASSADO-PRESENTE 26

- 1.1 Entrelaces: o literário e o histórico 26
- 1.2 Aproximações e particularidades entre o literário e o histórico 29
- 1.3 A literatura de cordel e o Nordeste 31
- 1.4 Literatura de cordel e História: relações 32
- 1.5 Ensinar história com cordel: modos de ler o passado 36

2 CANGAÇO, LAMPIÃO E CORDEL 38

- 2.1 O cangaço: considerações históricas 38
- 2.2 O sertão nordestino: território e sujeitos 40
- 2.3 Lampião em versos: representações no cordel 45
- 2.4 Cordel: definições 53
- 2.5 O cordel no ensino de História 55

3 LAMPIÃO NO CORDEL: PALAVRAS E IMAGENS 58

- 3.1 Conhecendo os cordelistas 58
- 3.2 Lampião: entre biografia e invenção 66
- 3.3 Lampião e o cangaço em poemas e xilogravuras 68
- 3.4 Literatura de cordel: Lampião no Ensino de História 77
- 3.5 Ler Literatura, ensinar História 78

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 82

5 REFERÊNCIAS 85

INTRODUÇÃO

Escrever sobre o cordel é como revirar um baú com intensas memórias, é como descortinar o horizonte com o sol resplandecente; junto com essa beleza, vêm as lembranças de um passado que não cabe neste texto. Início aqui com uma narrativa sobre minha história de vida, que lhes apresento por meio do poema a seguir, que titulei de “O sertão e a menina”:

*Meu nome é Vânia
Menina que sonha
Às vezes com a terra
Às vezes com o solo
O chão onde piso é caminho de sonhos
Assim escrevo os meus repentinos e os meus agraços*

*Penso que é coletivo
De versos no campo
Tragadas na roça e no pensar
Nas letras que voam
Fulô de cera
Inebriadas na voz cordelista*

*Vem como um baile de primavera
Sorradeiras e festeiras
Festejam passos leves e fortes
O meu sertão
O meu lugar
Verdinho e florido, cheio de pássaros*

*Na minha frente
Espelham sorrisos
Caatinga viva
Vivendo e sorrindo
Cantando e compondo
Versos do campo*

*Forte e fiel, a sua gente
Terreiro pulando
No pé de umbu
O céu é juiz
Nas pontas dos dedos
Toco nas nuvens de algodão
Que viram água no meu sertão*

*Nas noites
Festa no rádio
Hora do Ângelo,
Fogão a lenha
A rede de dormir,
Brecha o telhado dos meus sonhos*

*Na casa
A parede é cola no cordel
Gritadas na voz do meu repente
Adocicadas na carnaúba
É mel de abelha,*

Nas capas de mel no meu sertão

*Lembro momentos
Com meu avô
Que mais gostava do violão e da canção
Tocava sem jeito,
Prática de roceiro,
Meu avô, lindas toadas*

*As conversas no alpendre
Meu avô tirava da mente:
Princesas na torre do castelo,
Pavão misterioso,
O sabido sem estudo
E os assobios do violão*

*Memórias ou lembranças
Correm nas veias
Tocando repente no coração
Soltando faísca
Pulando em saltos
O sertão e a menina.*

Essas reminiscências são um pouco da minha vida de pesquisadora. De repente, saltam da mente a casa de barro fria e aconchegante e o alpendre com o canto dos pássaros, que também era o lugar onde a família se reunia para as longas conversas ao cair da noite. Falando em alpendre, recordo que foi neste espaço que me apresentaram a literatura de cordel, guardada em longas memórias, uma vez que as histórias dos folhetos estavam na “ponta da língua” do meu pai. Lembro, ainda, da família toda reunida com o caçua¹ cheio de feijão pronto para ser debulhado, ao som dos versos recitados por meu pai e das narrativas contadas por minha mãe, oriundos dos universos literários do cordel. Nesses momentos, um dos personagens que habitava as histórias era o cangaceiro Lampião, tema desta pesquisa.

Em minha infância, o cordel estava presente. Meus pais e avó declamavam versos sobre os acontecidos do passado e também sobre as coisas, pessoas e fatos que lhes eram muito caros, significativos. Minha mãe gostava de ter os folhetos em mãos e lê-los cuidadosamente. Recordo quando declamava, de forma tão serena e melodiosa, alguns textos buscados na memória e lidos à luz de vela, naquele espaço desprovido de tantas coisas, inclusive energia elétrica. Era um tempo no qual as faltas afluíram e inspiraram melodias, temas para poemas, relatos sobre a vida, o cotidiano, os acontecimentos e os sonhos. Aquele cenário onde faltava quase tudo não roubava, entretanto, o gosto pela inventividade da leitura, embalada pelo som do dedilhar da

¹ Cesto que servia para guardar e/ou transportar mantimentos; eram presos às cangalhas usadas nos burros ou cavalos. Lá em casa, também servia para guardar o feijão.

viola ou do violão e das vozes, mais ou menos desafinadas, dos que se acreditavam repentistas ou cordelistas de última hora.

O objeto desta pesquisa parte de várias motivações: (a) as memórias de infância, como mencionado; (b) a experiência discente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); e, por último, (c) minha formação e atuação como professora de História. Essas experiências, sobretudo as profissionais e acadêmicas, me permitiram publicar textos sobre diferentes questões envolvendo o ensino, geralmente com foco na relação entre História e Literatura.

Nesse sentido, esta pesquisa justifica-se pelas experiências afetivas e acadêmicas, práticas de leitura vividas na infância e formação científica como professora e pesquisadora na área de História. A prática docente aprofundou ainda mais o conhecimento que fui acumulando durante a vida estudantil e social. Licenciiei-me em História na UERN em 2013, e neste curso li textos teóricos que abordavam o uso da literatura de cordel como recurso metodológico no ensino de História. Era o início de um trajeto, de uma longa caminhada que continua agora, em nível de mestrado, de forma mais apaixonada.

O “flerte” com as reminiscências da infância passou a ocupar o meu presente e os meus propósitos. Já encantada pelos textos literários e sua relação com práticas de ensino, iniciei minha segunda licenciatura (Informática), em 2014, no IFRN. Meu interesse pela pesquisa com literatura se acentuou, mesmo em um curso voltado para o campo da programação.

No meu dia a dia como professora, não era difícil incluir, nas aulas, a literatura de cordel como recurso didático para favorecer a compreensão de narrativas históricas. Às vezes, iniciava a aula declamando um cordel, noutras situações usava os versos rimados para contextualizar algum evento histórico. Por exemplo: se o conteúdo a ser ministrado fosse “Revolução Industrial”, eu buscava e lia para a turma versos ou estrofes que dialogassem com esse tema. Se eu não encontrasse algum cordel sobre o assunto da aula, convidava a turma a escrever comigo alguns versos rimados, envolvendo-os no aprendizado histórico por meio da arte.

Como aluna especial do POSENSINO, cursei a disciplina “História e memória do Ensino no Brasil”, quando tive a oportunidade de, mais uma vez, manifestar meu desejo de investigar o uso dos cordéis em sala de aula. Para isso, me cerquei de estudiosos, li artigos e livros e me preparei para realizar o sonho, a possibilidade, o desejo de ingressar no mestrado dentro desse programa.

Note-se, portanto, que a discussão sobre literatura de cordel não está restrita às conversas cotidianas, à voz do rádio ou do cordelista; mas é também objeto de pesquisas

acadêmicas como esta, que se propôs a investigar as possibilidades de inserção dos poemas de cordel nas aulas de História para tratar, sobretudo, da figura de Lampião – um herói, para alguns, e só mais um cangaceiro com regalias, para outros. Como bem menciona Souza (2018, p. 20), o cordel “não se resume somente à poesia em si, mas é um instrumento carregado de valores de uma sociedade, abordagens críticas sobre temas diversos, tais como política, religião, mitos, relações humanas, entre outros”.

Ramos Filho (2018) explica que o personagem Lampião não é herói, e muito menos bandido, mas um sujeito da história. No contexto brasileiro, a memória do cangaço começou a ser revisitada após a redemocratização, a partir de 1985, quando as histórias marginalizadas pela escrita oficial começaram ser ouvidas e vistas. Assim foi o caso do movimento de luta do povo nordestino para ressignificar a memória do cangaço, que, não raro, foi censurada, excluída, silenciada. Por outro lado, a reescrita da história do cangaço também pressupõe conflitos e disputas em torno de compreensões e sentidos, a exemplo da crítica à visão tradicionalista, que tende a reproduzir imagens de uma identidade cristalizada para os eventos e sujeitos históricos.

Vinda, supostamente, de Portugal, onde era conhecida por “literatura ambulante”, “visão folclórica” e “poesia popular”, a literatura de cordel é bastante importante no Brasil. Em Portugal, havia denominações diferentes para os cordéis e, da mesma forma, variava o grau de consideração a seu respeito. Para alguns, eram arte menor, já outros tratavam-nos como criação coletiva (Haurélio, 2013).

Podemos afirmar que o folheto de cordel aportou no Brasil entre os séculos XIX e XX, numa época em que o índice de analfabetismo era altíssimo. Os cordéis passaram a ser a “voz” dos povos marginalizados e silenciados no país, palco do cotidiano, espaço para a manifestação dos afetos, meio de comunicação no qual se confabulavam histórias diversificadas (Ferreira Júnior, 2020). Os estudos sobre cordel destacam seus contextos históricos, didáticos e literários, enfatizando seu surgimento no seio das narrativas orais, contos e cantorias representados pelas narrações escritas ou orais, caracterizadas pelo uso da métrica, do ritmo e da rima (Silva, 2007).

Na criação de um cordel, muitos podem ser os envolvidos: poetas, declamadores, editores, emboladores, repentistas, folheteiros, ilustradores. Há diferenças e semelhanças significativas entre o repentista e o cordelista: o primeiro utiliza-se da improvisação, enquanto o outro vale-se de rigorosas regras de métrica, oração e rima. Ambos, porém, são partícipes da arte literária (Brasil, 2018).

Sobre os ofícios dos participantes na produção do cordel, temos o cordelista e o autor do cordel. Os dois apresentam características diferentes. Assim, podemos encontrar um autor

que escreve cordel sem, necessariamente, declamar suas narrativas. Mas também temos o cordelista, que tanto pode escrever os cordéis como recitá-los. Portanto, nem todo cordelista é, obrigatoriamente, um repentista e nem todo repentista é considerado um cordelista (Brasil, 2018).

Esta pesquisa buscou compreender os potenciais do uso ou aplicação da literatura de cordel para o ensino-aprendizagem de conteúdos curriculares da História. *A partir dos cordéis, é possível problematizar os sujeitos sócio-históricos? Os cordéis podem ser fonte de ensino? Mais particularmente, como Lampião é representado nas xilogravuras de folhetos de cordéis?*

O objetivo geral deste trabalho foi investigar a aplicabilidade da literatura de cordel ao ensino de História, com ênfase na análise de xilogravuras sobre Lampião. Assim, para dialogar com esse objetivo geral estabeleci os seguintes objetivos específicos: (a) observar as especificidades dos saberes da Literatura e sua aplicação ao ensino da História; (b) discutir perspectivas teóricas e práticas em torno do ensino de História com textos literários, em especial o cordel; e (c) analisar folhetos de cordel que abordam a figura de Lampião, com foco em suas xilogravuras.

Então, diante dos objetivos expressados na dissertação relacionamos a proposta do Programa de Pós- Graduação em Ensino - POSENSINO que refere-se ao desenvolvimento de pesquisas pensando no processo de ensino e da aprendizagem das ciências humanas e sociais, a observar os processos históricos, culturais, filosóficos, epistemológicos, metodológicos e axiológicos pensando na formação do sujeito na sociedade. Em síntese, um dos objetivos do programa é colaborar no melhoramento da qualidade do ensino e da aprendizagem no ambiente educacional na educação pública. Sou uma pesquisadora com sonhos, um desses desejos era ingressar no mestrado, em especial no POSENSINO, entre algumas tentativas ingressei no ano de 2022 o tal sonhado objetivo de ser mestre, como falava sempre a mãe, sua filha vai ser mestre. Após a experiência de aluna especial, no qual conheci o professor Paulo Augusto Tamanini, que viria depois ser meu orientador. Minha gratidão a Tamanini, um dos seres humanos lindo que conheci, a ele sou grata, pela paciência, pela cobrança necessária, o que tornava mais forte e possível delinear a escrita da dissertação.

Revisão bibliográfica

Nesta revisão bibliográfica, realizamos pesquisas a documentos que contextualizam a problemática da literatura de cordel e o ensino de história dialogados com a história de Lampião. Segundo Silva, Souza e Vasconcellos (2020, p. 2) a pesquisa poderá ser, um mapeamento

descritivo resultante “[...] de um vasto acervo de diferentes tipos de pesquisas, com ênfases, graus de aprofundamento e registros diversos. Essa modalidade de revisão bibliográfica nos permite um diálogo com os demais pesquisadores de áreas afins”. Pensando nos registros pesquisados, apresentamos o quadro1.

Quadro 1: Acervo de documentos, materiais e plataformas *on-line* utilizados na pesquisa

MATERIAIS UTILIZADOS NA PESQUISA		
Documentos (cordéis)	Autor	Ano de publicação
<i>Lampião, Rei do Cangaço</i>	Luzimar Medeiros Braga	2017
<i>Lampião: herói ou bandido?</i>	João Firmino Cabral	2009
<i>Os cabras de Lampião</i>	Manoel D’Almeida Filho	1965
<i>Lampião e Maria Bonita</i>	Dila	1978
<i>O ataque de Mossoró ao bando de Lampião</i>	Antônio Francisco Teixeira de Melo	2013
<i>Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró</i>	Severino Inácio	[s/d]
<i>Lampião e sua história contada em cordel</i>	Antônio Américo de Medeiros	1996
<i>A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro</i>	Marcos Medeiros	2010
<i>O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró</i>	Antônio Américo de Medeiros	[s/d]
<i>O Cangaço, Sua Origem e os Bravos Cangaceiros</i>	Jorge Victor	2009
Livros físicos	Autores(as)	Ano de publicação
História do Brasil em cordel	Mark J. Curran	2009
Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste	Rute Brito Lêmos Terra	1983
O ensino, o ontem e o hoje: alinhavando os fios da memória no atual fazer docente	Paulo Augusto Tamanini (org.)	2021
O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: teoria, conceitos e uso de fontes	Bianca Barbagallo Zucchi	2012
Ensino de História: Fundamentos e Métodos	Circe Maria Fernandes Bittencourt	2008
Ensinar História	Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli	2009
Cordel: criar, rimar e letrar	Arlene Holanda e Rouxinol do Rinaré	2009
Cordel em arte e versos: xilogravuras de Erivaldo Ferreira da Silva	Moreira de Acopiara	2008
Acervo de materiais digitais – teses, dissertações e periódicos	Disponíveis em:	
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	https://bdtd.ibict.br/vufind/	
Google Acadêmico	https://scholar.google.com.br/?hl=pt	
Revista Eletrônica <i>Scientific Electronic Library Online</i> SciELO Brasil	https://www.scielo.br/	
Portal de Periódicos da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	https://periodicos.ufpel.edu.br/	
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)	https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/	
Portal de Periódicos Científicos – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	https://seer.ufrgs.br/wp/	

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Grande parte das pesquisas levantadas estão citadas e/ou descritas no decorrer do texto, especialmente os escritos que dialogam com este trabalho, entre os quais estão teses, dissertações, livros e artigos que problematizam o uso da literatura do cordel no ensino de História. Também recorri, além das fontes acadêmicas, a folhetos de cordel. Para situar o leitor, organizei o quadro acima informando os tipos de material lidos e analisados na pesquisa, a maioria oriundos de teses, dissertações e livros, como observamos no quadro 1.

Observei como vêm sendo desenvolvidas as pesquisas que problematizam a literatura de cordel no ensino por meio da filtragem de dissertações, teses, livros, cordéis e artigos publicados. Diante do número expressivo de trabalhos localizados, optei por publicações que relacionavam o uso do cordel no ensino de História ao cangaço e à figura de Lampião.

No decorrer da pesquisa busquei diversos acervos, incluindo o conjunto de materiais digitais, neste foi possível utilizar os descritores: literatura de cordel, ensino de história, xilogravura, Lampião e o cangaço. Dessa forma, ao fazer a pesquisa das palavras referidas, procurava ler o resumo, se tivesse relação, baixava no computador, armazenava numa pasta em ordem alfabética com os nomes dos autores para realizar as leituras e as comparações das fontes pesquisadas.

É fato que os textos dos cordéis já aparecem no ensino de Língua Portuguesa e Literatura. Meu interesse, aqui, é tratá-los como fonte e recurso didático-metodológico para ensinar História, com ênfase no potencial das xilogravuras – estas podem reforçar, ou contradizer, representações de Lampião presentes nos poemas. Dessa forma, utilizei diversas fontes históricas na pesquisa, para que diálogo sistemático e comparativo entre a literatura e a história.

A pesquisa parte, ainda, do pressuposto de que é possível articular Literatura e História como áreas de saberes que se relacionam, se interligam, com o propósito de auxiliar o aluno a compreender eventos históricos por meio da arte (Ricardo e Tamanini, 2021).

De fato, a disciplina de História não é fechada, autossuficiente, mas pode dialogar com diversas áreas do conhecimento, posição nominada por alguns historiadores como “Nova História”, devido à sua defesa do uso de múltiplas fontes históricas e do diálogo interdisciplinar com várias fontes documentais. Segundo Zucchi (2012), um dos objetivos desse campo é estudar os pequenos grupos e fenômenos humanos que começaram a ser analisados pelos “pesquisados”. Trata-se, assim, da chamada “micro-história” ou ainda da dita “história vista de baixo”, que Burke (1992) compreende como uma oportunidade de escuta e consideração às vozes de sujeitos silenciados, entre as quais estariam os trabalhadores, os escravos, as mulheres e as crianças; isto é, as pessoas marginalizadas pela história alegadamente “oficial”.

Nessa perspectiva, Nascimento (2005) defende a valorização do cordel como metodologia inovadora para ensinar sobre o passado, o que se articula ao meu interesse, que é refletir acerca de práticas pedagógicas capazes de dialogar com diferentes áreas do conhecimento, como a literatura.

Concordo com Sampaio (2017, p. 29) quando este afirma que o livro didático, junto às artes visuais, pode contribuir para o ensino de História: “[...] as imagens podem trazer rupturas capazes de tensionar a própria narrativa da qual fazem parte e servem de ilustração, [...] instigar, desenvolver, ensinar e produzir o conhecimento histórico” .

Estou discutindo o uso do cordel no ensino de História do ponto de vista didático, a partir do qual a aprendizagem dos discentes sobre temas históricos está assentada em textos literários (Ferreira Júnior, 2020). Isto posto, importa-me também refletir sobre os usos de textos não historiográficos, especificamente os poemas de cordel, para ensinar sobre dado passado. Para tanto, dedico-me a compreender como a literatura de cordel se articula à construção de um discurso historiográfico capaz de ensinar e problematizar a História e seu ensino.

Conforme argumenta Curran (2009), a literatura de cordel representa a poesia folclórica e popular com elementos de um Nordeste romântico e, ao mesmo tempo, histórico por meio do discurso literário. Segundo Curran (2009, p. 19), o cordel é memória, é documento e registro. Ainda que o cordel seja supostamente pouco produzido e circulável, é “[...] uma relíquia de um passado glorioso [...]”:

[...] constatamos que embora tenha diminuído, o cordel sobrevive, cumprindo ainda as funções de informar, ensinar e principalmente divertir o público. Há pouca produção de histórias novas - uma mudança importante desde sua época de ouro, na primeira década deste século e, depois, nos anos de 1920 a 1950. Isso é válido tanto para os romances e histórias, longas narrativas de ficção em verso, como para os folhetos, narrativas breves de eventos do dia.

De acordo com as observações de Ferreira (2017), o uso do cordel nas aulas de História é amplo e extensivo como metodologia de ensino, aqui pensada como prática a ser continuamente analisada na pesquisa historiográfica. Acredito, portanto, em um ensino de História que dialogue com as experiências culturais, os múltiplos conceitos históricos e considere os sentidos das identidades, alteridades e diferenças no tempo.

O termo *identidade* é aqui pensado no contexto geopolítico e cultural da Região Nordeste e dos folhetos de cordel porque constitui-se, a meu ver, como campo de conhecimento ou expressão popular de um povo. As identidades de um povo são marcas sócio-histórico-

culturais que fundamentam o diálogo entre discurso, imaginário e memória. Rodrigues e Silva (2018, p. 54-55) explicam que:

A memória reforça o lugar de pertencimento do sujeito, gerando subsídios que desaguam numa identidade social e coletiva. A forma como nos vemos ou imaginamo-nos vem de uma memória coletiva que é compartilhada nos diversos contextos, que vai além de aspectos históricos, perpassando aspectos semânticos e pragmáticos.

Já o termo tempo estar atrelado ao desenvolvimento das identidades, e vem junto as concepções diferentes da identidade, a começar pelo iluminismo (individualismo), depois temos o sujeito sociológico (relação do sujeito com o mundo pessoal e o público), e por último temos o sujeito pós-moderno (definição histórica) (Rodrigues e Silva, 2018).

A pesquisa trata do ensino de História a partir de cordéis nascidos do Nordeste, que documentam o cotidiano de um grupo de pessoas, seus saberes e fazeres. A partir desse contexto geográfico e humano, a História é relida, refletida e repensada em sala de aula.

Os cordéis aqui selecionados mostram como o personagem Lampião pode ser estudado em perspectiva histórica, com o auxílio das representações imaginárias que se desdobram na arte da xilogravura e do cordel. Assim, considero que “as relações entre oralidade e escrita [...] perpassa[m] os diversos aspectos da produção, edição, circulação e recepção dos folhetos de cordel” (Galvão, 2000, p. 72).

O texto literário deve ser dinamizado no ensino para valorizar a pluralidade de saberes, de forma que o aluno possa entender a Literatura como um acontecimento. Para tanto, é necessário, de acordo com Dalvi (2013, p. 130), que:

- a) a escola incentive a leitura de obras clássicas em diálogo com produções contemporâneas, numa abordagem que seja simultaneamente diacrônica e sincrônica;
- b) o aluno possa compreender a literatura como fenômeno cultural, histórico, ideológico, político, simbólico e social, capaz de dar a ver as contradições e conflitos da realidade;
- c) o ensino não menospreze o caráter dialético das obras literárias, como produtos de cultura cuja função é, paradoxalmente, abalar ou subverter os consensos instituídos no âmbito da própria cultura; e
- d) o texto literário seja abordado em diálogo com outros produtos ou artefatos culturais.

Parafraseando Chartier (2009), busca-se aqui a análise relacional da Literatura e da História, mas de forma que se vá além desta ligação e se compreenda o potencial dos saberes literários, em especial os do cordel, para referenciar a pesquisa histórica e historiográfica.

Metodologia

A pesquisa foi organizada a partir da leitura bibliográfica, da organização de documentos e da análise dos cordéis, com foco na representação de Lampião nos textos e xilogravuras. O estudo bibliográfico é importante para organizar as demais etapas da pesquisa, como afirmam Prodanov e Freitas (2013). Faz-se necessário estruturar o texto pensando na seleção do tema, no levantamento bibliográfico inicial, na criação do problema, no plano inicial de trabalho, na busca de fontes, na leitura do material, nos fichamentos, na organização lógica do relatório e na escrita do texto em si.

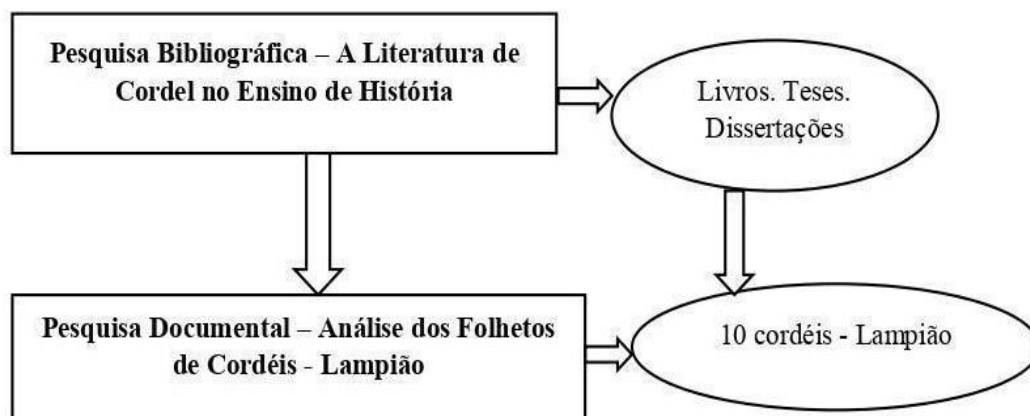
Neste trabalho, a escrita da pesquisa e a apresentação dos resultados ocorrem por meio do diálogo entre investigação bibliográfica e documental, com vistas à: a) análise dos usos, aproximações e especificidades dos saberes literários e históricos; b) discussão das perspectivas teóricas e práticas em torno do ensino de História com textos literários, principalmente cordéis; e c) observação/compreensão das xilogravuras presentes nos cordéis, com ênfase nas representações da figura de Lampião, e suas implicações no ensino de História.

Quero discutir e problematizar como a Literatura pode auxiliar a História a falar de seus personagens e eventos, a construir narrativas mais poéticas dos acontecimentos. Por isso, também me deterei na análise das proximidades e especificidades dos saberes literários e das narrativas historiográficas. Associações como “literatura/invenção” e “história/fontes históricas” serão problematizadas e observadas atentamente. Isto porque, segundo Souza (2015, p. 16):

[...] a Literatura e a História selecionam aspectos da realidade, organizam esses aspectos em determinada sintaxe, reordenam os aspectos selecionados, mas se distanciam quanto ao protocolo do texto: o texto literário se apresenta, desnuda-se como um ato de fingir e exhibe o protocolo do como se, evocando a verossimilhança de Aristóteles. Já o texto do historiador, em que pese sua atuação como selecionador e organizador do que cataloga, tem um compromisso com a verdade.

Esta pesquisa adota a abordagem qualitativa, nos termos de Prodanov e Freitas (2013, p. 128), a qual constitui-se como “[...] fonte direta para a coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados”. Para uma compreensão visual da pesquisa, apresento abaixo a Figura 1, que informa o percurso metodológico trilhado.

Figura 1: Percurso metodológico da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Entre os tantos cordéis analisados, optei pelos que traziam narrativas e xilogravuras sobre Lampião e sua vida no cangaço. Assim, elegi dez poemas nos quais o personagem Lampião e suas narrativas são protagonistas e aparecem em perspectiva histórico-social. Antes mesmo da leitura crítica e da pesquisa minuciosa, realizamos a leitura de conhecer os textos dos cordéis, dessa vez sem preocupação com o contexto da pesquisa, mas uma leitura considerando o tema da investigação. Então, fomos lendo cordéis que falavam sobre Lampião e o cangaço.

A busca pelos cordéis foi possível, em grande medida, graças ao vasto material disponível nos acervos bibliotecários, tanto *on-lines* como físicos. Uma das livrarias físicas que visitei foi a da editora especializada em cordéis Queima-Bucha, localizada no município de Mossoró/RN. Encontrei os demais folhetos em livrarias *on-line*, caso de *Lampião e Maria Bonita* (1978), de Dila.

Como dito, entre os vários folhetos encontrados, selecionei dez que mais dialogassem com os objetivos da pesquisa. Outro critério de escolha foi a presença de xilogravuras relacionadas com os textos escritos, de modo a garantir a presença de elementos verbo-visuais inspirados na vida social e política de Lampião.

Como dito, entre os vários folhetos encontrados, selecionei dez que mais dialogassem com os objetivos da pesquisa. Outro critério de escolha foi a presença de xilogravuras relacionadas com os textos escritos, de modo a garantir a presença de elementos verbo-visuais inspirados na vida social e política de Lampião. Esses cordéis são provenientes de dissertações, teses e livros, os dez cordéis discutidos estão expressos no quadro 2.

Quadro 2: Caracterização dos cordéis analisados na pesquisa

Título do cordel	Autor	Ano de publicação
<i>A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro</i>	Marcos Medeiros	2010
<i>Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró</i>	Severino Inácio	[s/d]
<i>O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró</i>	Antônio Américo de Medeiros	[s/d]
<i>O ataque de Mossoró ao bando de Lampião</i>	Antônio Francisco	2013
<i>O Cangaço, Sua Origem e os Bravos Cangaceiros</i>	Jorge Victor	2009
<i>Lampião, Rei do Cangaço</i>	Luzimar Medeiros Braga	2017
<i>Os cabras de Lampião</i>	Manoel D’Almeida Filho	1965
<i>Lampião e Maria Bonita</i>	Dila	1978
<i>Lampião e sua história contada em cordel</i>	Antônio Américo de Medeiros	1996
<i>Lampião: herói ou bandido?</i>	João Firmino Cabral	2009

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Os cordéis selecionados podem ser discutidos no ensino de História a partir de seus aspectos político-sociais, rastreando outras fontes históricas e dispondo-as em relação com os próprios textos literários. Desse modo, os poemas podem trazer à tona narrativas silenciadas e estereotipadas, que nem sempre aparecem nos livros didáticos, como lembra Ramos Filho (2018).

O cordel é um gênero discursivo que conforma múltiplas abordagens em sala de aula, sobretudo com intencionalidade historiográfica. Ainda, sua leitura pode “dar voz” a povos e saberes que, em muitos escritos históricos, aparecem de modo marginal, ou sequer aparecem. O uso do cordel como fonte histórica e metodologia de ensino pode favorecer a aceitação de que “[...] além da história oficial descrita nos livros didáticos, há também uma história construída a partir das experiências das massas populares através de sua atuação enquanto sujeitos históricos no ambiente em que estão inseridos” (Santos, 2018, p. 14).

Organização da dissertação

A pesquisa está estruturada em três capítulos que discutem o uso da literatura de cordel no ensino de História, em especial as representações de Lampião em xilogravuras. No início de

cada capítulo, há uma discussão teórica sobre os temas de cada subitem. São três grandes “retalhos” que se costuram, se tecem e propõem um ensino de História mais interdisciplinar e que valoriza as fontes vindas de contextos locais. Um ensino comprometido com as realidades dos alunos, não distanciando das vivências, das preocupações e do entendimento do mundo dos discentes. Um ensino comprometido com o lugar, o tempo, o contexto, a fala, a linguagem, a escrita daqueles que vão à escola para aprender e trocar experiências.

O primeiro capítulo aborda as aproximações e especificidades da Literatura e da História como áreas de saberes distintos, mas complementares, suas discrepâncias e particularidades quando dissertam, discutem, analisam e constroem narrativas acerca do passado.

Já no segundo capítulo, apresento perspectivas teóricas e práticas em torno do ensino de História com textos literários, em especial o cordel. Nesta seção, compreendo a Literatura interligada à História, ou seja, os textos literários são afetados e comprometidos com as narrativas de fatos históricos. A Literatura torna-se, então, uma aliada da História, e não sua opositora. Chartier (2009, p. 25), sobre o comprometimento da Literatura com a História, afirma que “há evidências inquestionáveis acerca das forças que confluem para se falar do passado”. Observo, então, como os cordéis podem ser fontes históricas e objeto de ensino sobre os passados.

No terceiro capítulo, discute-se as narrativas dos cordéis que trazem a figura de Lampião como personagem histórico. A partir de uma análise crítica, esta seção procura desmontar o “mítico” – os encantos da arte de produzir narrativas “apenas” pelo viés da estética – para verificar o quanto os cordéis auxiliam a compreensão empírica e histórica de um fato. As xilogravuras serão observadas como fontes de conhecimento e ensino. As imagens, portanto, não serão tomadas apenas como auxiliares do texto escrito, mas como protagonistas da produção de sentidos, impondo-se como algo a ser lido, mensurado, estruturado e observado como *texto*. As imagens são discursivas, textuais e, por isso, trazem informações únicas.

PRIMEIRA SEÇÃO

LITERATURA E HISTÓRIA: ENCONTROS NO PASSADO-PRESENTE

No primeiro capítulo, apresento o contexto histórico de irrupção do cordel, quando do seu surgimento e popularização no Brasil. Discutirei também o funcionamento do discurso, tomado como necessidade da atividade humana que inclui diferentes enunciados, a partir de alguns autores, como Bakhtin (2011). Considero a literatura de cordel como uma arte, mas também uma fonte histórica. Sim, a Literatura é arte que, neste caso, vale-se de uma linguagem sincrética, aliando verbalidade e visualidade, de modo lúdico, para potencializar o processo de ensino e compreensão de narrativas históricas.

1.1 Entrelaces: o literário e o histórico

Antes de discutir as aproximações entre a História e a literatura de cordel, falarei sobre o conceito de Literatura. Posteriormente, trarei considerações a respeito da literatura de cordel, em específico, e por último tratarei da definição de História. Facina (2004, p. 5) explica que a Literatura, no campo das Letras, relaciona-se com múltiplos domínios: a poesia, o romance, a filosofia, a história, o ensaio político e o religioso. A autora chama de Literatura:

[...] um conjunto de escritos, geralmente ficcionais, que sofreu o processo de autonomização [...] as suas formas são muito variadas: crônicas, romances, poesias, peças teatrais, etc. Mas há em comum entre essas diferentes formas o fato de que seus autores são considerados escritores, ou seja, um tipo específico de intelectual cujo trabalho envolve necessariamente a preocupação estética com a linguagem.

Como podemos conceituar a literatura de cordel? É um gênero literário que não apresenta um caráter “oficial”, ou seja, está fora do “cânone”, contém diversos traços poéticos das tradições orais que articulam-se à escrita na produção de poemas narrativos rimados e metrificados sobre vários temas. Enfim, a literatura de cordel é poesia, é narrativa, é popular, é impressa (Silva, 2007).

O que é a História? Para Pluckrose (1996, p. 15-25), citado por Schmidt e Cainelli (2009, p. 27-29), a História “é uma compreensão dos atos humanos no passado, uma tomada de consciência da condição humana, uma apreciação de como os problemas humanos vão mudando no transcorrer do tempo e uma percepção de como homens [...] viviam e respondiam

aos sucessos do tempo”. Por fim, a História busca entender o humano, a História é infinita em sua diversidade histórica.

Pluckrose (1996), citado por Schmidt e Cainelli (2009), ainda compara a História a um “labirinto”, pois o saber histórico pode ser buscado por meio de vários acessos, e nessa procura devemos nos apoderar de múltiplas fontes para encontrar o caminho mais confiável.

Se falamos da História, é essencial que também discutamos seu ensino, tanto como objeto de pesquisa quanto como prática pedagógica. De acordo com Pluckrose (1996, p. 15-25 *apud* Schmidt e Cainelli, 2009, p. 29), o ensino de História:

[...] possibilita demonstrar e confirmar que nossa cultura nacional não possui uma única fonte, mas muitas; que nossa linguagem e nossos costumes não se desenvolveram isolados, imunes aos movimentos mundiais dos povos; que toda sociedade, sempre que se trate de sua sobrevivência, tem de responder e se adaptar a elementos sobre os quais não possui nenhum controle. Ainda que o patrimônio e a cultura derivem de um passado complexo, um estudo da história ajudará a situá-los num contexto compreensível. Um estudo das raízes da sociedade ajudará as crianças a apreciar as crenças, as culturas e os usos sociais de outras sociedades que estudem.

Quando tratamos do ensino, é necessário discutir suas diversas transformações ao longo da história do Brasil. Nesse sentido, Zucchi (2012) esclarece que nas primeiras décadas do século XX destacam-se mudanças nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs) de 1971 e 1996, e também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

No decorrer da ditadura militar brasileira, um dos objetivos da política educacional autoritária era mudar a LDB de 1961, diluindo as disciplinas História e Geografia, que passaram a integrar o currículo como “Estudos Sociais”. Ao lado desta alteração, também foram introduzidas as disciplinas “Educação Moral e Cívica” e “Organização Social e Política do Brasil”. Essas mudanças representaram um retrocesso para o ensino de História e humanidades no país. Ao fim do regime militar, algumas dessas alterações foram revertidas, como a separação das disciplinas História e Geografia que, mesmo em diálogo, têm suas especificidades. Já os PCNs, por sua vez, representam um avanço em relação à política curricular da ditadura, uma vez que configuram-se como documento de orientação para a educação básica que tratam a História de modo comparativo, realçando sua dimensão cotidiana, as permanências e transformações sociais, culturais e econômicas, o modo de vida coletivo, as diferentes culturas, as relações entre o passado e o presente e, por último, o uso dos documentos históricos e fontes históricas (Zucchi, 2012).

No prefácio do livro *O ensino, o ontem e o hoje*: alinhavando os fios da memória no atual fazer docente, Tamanini (2021, p. 9) trata do ensino a partir de certas características, como a coletividade, a interdisciplinaridade e sua dimensão dialógica. Ensinar, assim, é uma:

[...] arte da provocação e sempre inclinada a revolver o estabelecido, o pronto, o costumeiro e que, a partir do remexido, possa semear o novo! Acredito que o conhecimento resulte da desmontagem das mesmices de linhas de raciocínios já purulentas. O ensino é a arte da cura, do enxugamento das feridas capaz de refazer e reconstituir a essência humana de alunos novos para um mundo em constante ebulição.

Concordo com Tamanini (2021): ensinar é uma arte e esta ação é praticada por diferentes sujeitos sociais, em contextos plurais, que vivenciam processos de produção e aprendizagem de saberes. No ensino escolar de História, os saberes são partilhados. Para entender o passado, não basta simplesmente ler o livro didático. É preciso revirar e desconstruir saberes. Sim, ensinar História é, em parte, ser “senhor do seu tempo”, isto é, a História é analisada por quem a vive. O passado interessa aos sujeitos sociais face aos questionamentos do presente, como afirmam Schmidt e Cainelli (2009, p. 98): “a ideia de dar um sentido ao presente, tendo como referência o passado, é o cerne da utilidade social da História”.

Nesse contexto, estão as permanências e rupturas da História, em que pese o discurso historiográfico e a organização do tempo. De fato, a temporalidade precisa ser analisada no ensino de História, docentes e discentes devem estar atentos à cronologia, à periodização e ao próprio processo histórico (Schmidt e Cainelli, 2009). Faz-se necessário “[...] identificar e entender rupturas e continuidades”, pois estas são “também uma forma de incentivar os alunos a construir um entendimento multicultural que valorize as diferenças” (Zucchi, 2012, p. 76).

Ainda de acordo com Zucchi (2012), o ensino e as metodologias passaram por mudanças ao longo do tempo, sobretudo entre o fim do século XIX e os dias atuais. No decorrer da história, gerações tiveram de pensar e decorar os “grandes feitos” dos “grandes homens” a partir do uso quase exclusivo dos chamados documentos históricos “tradicionais”. Hoje, a História busca e trabalha com diferentes instrumentos e perspectivas de análises, uma vez que “[...] fazer uma interpretação histórica do passado [...] deve ter como base de sua construção documentos que ‘comprovem’ ou ‘atestem’ a veracidade do que [se] afirma” (Zucchi, 2012, p. 57).

A utilização das fontes históricas, como discute Xavier (2010, p. 1097) corrobora a necessidade do ensino de História abrir-se a novas interpretações, permitindo que os discentes realizem diferentes operações de associação e compreensão entre passado e presente, de forma que o trato das fontes leve à produção criativa e rigorosa do conhecimento histórico e assuma

possibilidades de ampliar a “[...] leitura das distintas temporalidades às quais estamos submetidos”.

1.2 Aproximações e particularidades entre o literário e o histórico

Ao descrever a Literatura e a História, destaquei que elas são singulares quanto ao gênero discursivo. A respeito dos gêneros do discurso, Rodrigues (2004, p. 428) comenta sobre o pensamento de Bakhtin (2011):

[...] o autor observa que o estudo da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros das diferentes esferas sociais tem uma enorme importância para quase todas as áreas de estudo da Linguística e da Filologia, pois toda investigação acerca de um material linguístico concreto (história da língua, gramática normativa, criação de dicionários etc.) inevitavelmente tem a ver com enunciados concretos, relacionados com diferentes esferas da atividade e da comunicação humanas.

Sobre o discurso histórico, Pesavento (1998, p. 10) observa o critério da veracidade do discurso, a partir do trabalho do historiador, que deve ter o cuidado com “[...] as evidências na sua tarefa de reconstruir o real”, já que “seu trabalho sofre o crivo da testagem e da comprovação” e “a leitura que faz de uma época é um olhar entre os possíveis de serem realizados”.

A Literatura é uma arte que, no caso do cordel e tantos outros gêneros, vale-se de uma linguagem sincrética, que alia verbalidade e visualidade, e tende a potencializar o processo de compreensão das narrativas históricas. Aqui, se discute a relação da Literatura com a História observando como ambas se distanciam e se aproximam, considerando aspectos como recepção, métrica, rima e oração. Por isso, o texto literário é “[...] fonte privilegiada para a História por conter aspectos que outros objetos não possuem, como questões relacionadas ao imaginário da época que se estuda” (Martins e Cainelli, 2015, p. 3889).

Segundo as autoras Martins e Cainelli (2015), a conversação entre Literatura e História vem acontecendo, especialmente, desde os anos 1990 e ganhando notoriedade ao longo do século XXI, em especial no campo da história cultural.

O cordel, de modo geral, tematiza muito a realidade e o cotidiano das pessoas, trata do imaginário popular com ênfase nos problemas sociais e aciona elementos que, não raro, passam despercebidos por aqueles que escrevem a história dita oficial. Essas qualidades fortalecem fontes históricas orais e literárias, que corroboram discursos das camadas populares de forma a propagar suas experiências (Santos, 2018).

Sobre o conceito de “verdade” relacionado à ideia de “realidade”, os historiadores costumam trabalhá-lo a partir da noção de “representação” expresso pela narrativa. Assim, de acordo com Nascimento (2013, p. 3), a realidade por meio da literatura de cordel é:

[...] um veículo que permite ao povo participar da vida do país, debater a realidade, expressar suas necessidades e aspirações. Retrata tradições, costumes, lendas e acontecimentos e traz consigo todo um conjunto de manifestações artísticas e culturais. Sua importância é inestimável para a história e para o folclore não apenas do Nordeste, mas de todo o país. É importante considerar a literatura como uma forma de conhecimento sobre a realidade, é um instrumento poderoso de educação dos sentidos, assim como de desenvolvimento da capacidade de interpretação, elemento fundamental nos estudos de história, logo, compreendemos que a inserção dessa literatura enquanto ferramenta didática no ensino de história é de extrema importância na formação dos alunos como cidadãos críticos, estimulando-os a se perceberem como sujeitos históricos.

Para Souza (2019, p. 49), o Nordeste é o espaço da cantoria e da literatura de cordel, que aproximam e fortalecem o empoderamento do povo nordestino, em seu ponto de vista. Ainda segundo ela, o cordel refere-se à “[...] união da poesia, gravura e protestos”, além de mostrar “uma bela expressão da arte brasileira, apresenta o cotidiano de um povo de forma poética”.

Silva (2013), a seu modo, pensa o cordel como vestígio histórico e discorre sobre sua importância no ensino e como este pode favorecer a compreensão dos relatos ditos oficiais e a criticidade dos discentes, na condição de fonte histórica, memória e registro.

Barbosa e Gaglietti (2002, p. 56) mencionam que há um número significativo de teóricos e ficcionistas que relacionam História e Literatura, mas nem sempre há obras que descrevem de forma satisfatória estas na área do ensino. No entanto, essas disciplinas podem fluir e dialogar por meio da análise do texto literário, considerando, por exemplo, as memórias, eventos e inventividade do cotidiano:

O motivo pelo qual os elos que ligam Literatura e História sofrem uma ruptura nos diferentes níveis de ensino é, provavelmente, a “desistorização” de que são objeto os conteúdos das referidas disciplinas nas escolas. Constituem-se numa síntese “perfeita” aqueles esquemas que pretendem, em poucas linhas, definir a fisionomia dos períodos históricos ou literários, colocando-os em sequência e enumerando, de modo linear, eventos - fatos, nos casos dos livros de História, obras e autores, no caso dos livros de História da Literatura. Constituem-se numa síntese “perfeita”, porque estática, imóvel e paralisadora, mas, sobretudo, impessoal e morta. A organização simplificadora e a generalização redutora podem provocar um efeito tranquilizador, mas é alto o preço que se paga por isso. Ao nos despedirmos do caos, dessa matéria múltipla e heterogênea que são a História e a Literatura, deixamos escapar o alvoroço da matéria viva.

De fato, há um diálogo entre a História e a Literatura e essa relação foi intensificada com o aparecimento de teorias que questionam a objetividade do historiador, reveem o conceito de “verdade” e ratificam a possibilidade de diferentes interpretações sobre o passado (Martins e Almeida, 2016).

Discutir a veracidade dos acontecimentos analisados na História é também questionar e reafirmar os meios e formas por meio dos quais chegamos, através da escrita, ao verídico. Detalhes da representação ou do discurso encenado, como bem menciona Iser (2013) ao utilizar o exemplo do mundo apresentado pelo texto, lembram que o mundo pode ser visto de muitos modos, inclusive recorrendo à empiria e à observação dos acontecimentos, como nos textos literários e/ou históricos sobre o cangaço e Lampião.

1.3 A literatura de cordel e o Nordeste

O Nordeste tem relações históricas com o cordel, mas essa literatura aparece em várias regiões do Brasil, e sua influência está nos centros urbanos e no interior. A linguagem do cordel está “[...] na música, no cinema, na televisão e nas artes plásticas”, afinal o “cordel é uma expressão cultural que revela o imaginário coletivo, a memória social e o ponto de vista dos poetas acerca dos acontecimentos vividos pela população ou imaginados pela verve criativa dos poetas” (Brasil, 2018, p. 14).

A representação do nordestino no cordel, do ponto de vista de Rodrigues e Silva (2018), está relacionada à identidade sócio-histórico-cultural do povo nordestino. Esta representação é enaltecida a partir do enfrentamento a diversas dificuldades, como o fenômeno das secas. Rodrigues e Silva (2018, p. 50) acreditam que a Região Nordeste é um local fértil para a propagação do cordel e justificam essa hipótese sugerindo que:

[...] talvez pelo fato das condições histórico-culturais da região. Caracteriza-se como uma literatura de povos de uma cultura popular, que a utilizam como fonte de conhecimento, informação e ensino, constituindo-se genuína forma de expressão sociocultural dos sujeitos que habitam a região. Diante disso, as histórias narradas nesse tipo de expressão popular acabam por revelar ideias estereotipadas do Nordeste (lugar repleto de problemas) e do homem que habita a região.

Enquanto isso, a autora Souza (2019, p. 13) crê que o cordel é tratado como uma herança cultural do Nordeste, que também está nas memórias “candangas” e que “[...] no Nordeste, ganhou visibilidade devido ao contato com a cultura africana e sua comunicação, que era tipicamente oral. Posterior a isso, surgiu o formato impresso dessa literatura”.

Alguns estudiosos, como Cadó (2022), declaram que a Região Nordeste é propícia à divulgação do cordel devido à oferta dos elementos de ampliação, como a cantoria e a escrita. Além disso, os aspectos sociais, econômicos e culturais da literatura expandem essa relação. Cadó (2022, p. 36) ainda afirma que:

Na região do sertão nordestino, a Literatura de Cordel se destaca e se torna um elemento de socialização de fatores culturais na sociedade, pelo fato de apresentar uma linguagem popular e simples para expressar os diversos temas da vida cotidiana do sertanejo. Ela foi muito difundida pelo Nordeste, local de início da colonização, e de lá se disseminou para outras regiões do Brasil.

Sem dúvidas, o cordel fortalece a identidade do povo nordestino. Contudo, essa mesma “identidade” também é, por vezes, marginalizada e estereotipada nos próprios cordéis. Conforme Rodrigues e Silva (2018, p. 51), a literatura de cordel apresenta a figura do homem nordestino relacionada “à memória coletiva do povo nordestino, a partir de histórias de vida como a de Lampião, entre tantos outros que revelam características próprias do patriarcalismo e do catolicismo popular”.

Quando o cordel aparece no Nordeste, a região vivenciava o fim da escravidão, processos migratórios, declínio das oligarquias e mudanças na estrutura social devido, inclusive, à mobilização do cangaço na área. Conforme Curran (2009, p. 42), frente a fatores econômicos, diversos nordestinos deixaram suas terras, o que levou “[...] alguns deles a encontrar no próprio cordel uma nova fonte de sobrevivência”.

Outro aspecto destacado por Neves (2018) é que um dos papéis assumidos pelo cordel no Nordeste brasileiro foi o de partícipe no processo de alfabetização, até porque muitos sujeitos que habitavam os sertões nordestinos tiveram contato com os versos desse gênero poético. Essa arte colaborou para a emancipação de muitos nordestinos, que foram letrados a partir das palavras e imagens dos folhetos.

1.4 Literatura de cordel e História: relações

A História e a Literatura são campos de conhecimento específicos, mas que se aliam quando da análise do texto literário ou da narrativa historiográfica. O distanciamento entre as áreas se ameniza quando o objeto de estudo e o olhar do pesquisador as aproxima. Cito Mario Quintana (2018): “Mortos?! Basta-lhes ter vivido um pouco para jamais poderem estar mortos”. O texto literário é um modo de ressuscitar a História. A maneira como a literatura de cordel narra os episódios do passado, com seus estilos, ritmos e complementos dá ao acontecido uma sobrevida marcada pela sofisticação das palavras e imagens.

As aproximações e especificidades existentes entre a literatura cordel e a História, segundo Guimarães (2007, p. 1-2), evidenciam-se quando:

Seja para identificar traços de proximidade, seja para estabelecer fronteiras, inúmeros teóricos e críticos buscaram, ao longo dos tempos, com maior ou menor brilhantismo, pensar e definir as relações que Literatura e História mantêm entre si. Se buscarmos o ponto zero dessa questão, retomaremos o pensamento de Aristóteles e a sua Poética (1997). O texto, tido quase que unanimemente como o primeiro registro daquilo que séculos depois se chamaria teoria literária, procura, entre outras questões, distinguir poesia e história. Para o pensador grego, o historiador deveria contar o que aconteceu, ao passo que ao poeta caberia a tarefa de narrar algo que poderia ter acontecido.

Partindo das particularidades sugeridas por Guimarães (2007) quanto às tarefas do historiador e do poeta, cabe aqui evidenciar as características da narrativa. O histórico preza pela veracidade e o literário pela inventividade de estilo, mas ambos têm em comum a narrativa. Sobre a contribuição da narrativa para a vida humana, Souza e Cabral (2015, p. 150) enfatizam a importância do ato de rememorar como possibilidade da reconstruir histórias de vida e fortalecer a própria história oral:

A narrativa faz parte da história da humanidade e, portanto, deve ser estudada dentro dos seus contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, educativos. É comum ouvir através de narrativas diversas que os seres humanos são, por natureza, contadores, narradores de história, e que gerações e gerações repetem esse ato quase que involuntariamente uns aos outros.

Ainda sobre a integração entre Literatura e História, Santos e Santos (2020, p. 2) apresentam alguns questionamentos sobre as potencialidades da literatura de cordel para o ensino de História. Segundo eles:

Uma série de estudos vêm apontando que a literatura de cordel, por ser impregnada da cultura popular, possui potencial para promover o desenvolvimento do pensamento histórico. Nesse sentido, consideramos importante sistematizar as contribuições que estes estudos trazem para compreender os aspectos dessa relação. Nesse sentido, formulamos as seguintes questões: Como a literatura de cordel trabalha e simultaneamente constitui uma cultura do passado? E como o ensino de história contribui para a disseminação desta cultura do passado presente nos cordéis? Como os professores utilizam a literatura de cordel em sala? Como os professores entendem a literatura de cordel e seu papel para o ensino de história? O que esses professores consideram que precisaria ser abordado para dar subsídios a eles para trabalharem a literatura de cordel em sala de aula? Qual é a relação do cordel enquanto manifestação cultural e enquanto linguagem? Quais são as decorrências do cordel enquanto escrito e linguagem oral? Como que o escrever o cordel potencializa o desenvolvimento do pensamento histórico? Será que potencializa as relações com o tempo (passado, presente e futuro)? Será que desenvolve a capacidade de empatia histórica?

Para esses autores, o cordel pode potencializar a mediação do conhecimento histórico a partir da materialidade da escrita e de sua singularidade como gênero literário e discursivo. Podemos, então, aprofundar o estudo desse objeto cultural no ensino-aprendizagem de História.

Amaral (2017), por sua vez, discute as características do trabalho do historiador e do escritor literário e argumenta que ambas as profissões trabalham com perspectivas diferentes. O historiador analisa por meio da veracidade, já o ficcionista analisa a partir da verossimilhança. Assim, o historiador e o escritor discutem as narrativas com elementos da subjetividade. É importante que haja um filtro dos fatos, de forma que as ações dos sujeitos e o próprio sujeito sejam entendidos de acordo com sua história e narrativa.

Ferreira (2000) afirma que a Literatura está associada ao imaginário e faz deste o elo e a razão da narrativa. Seguindo o pensamento de Ferreira (2000, p. 133), penso que a Literatura se apresenta como algo que não se dissocia do imaginário, e essas características chegam à disciplina de História. Cavalcante (2013, p. 18) diz que:

Por essa razão, faz-se necessário rever o ensino da literatura na perspectiva de conseguir desenvolver, no âmbito da escola, o processo de letramento literário. Nesse intento, não se pode deixar de considerar o quão é importante a forma como o educador, enquanto mediador desse processo, tem conduzido os trabalhos com o texto literário em sala de aula.

Portanto, a experiência de leitura dos textos de cordel auxilia o aluno a compreender e problematizar os conteúdos curriculares da História. Avalio positivamente a presença do gênero poético nas escolas, como também defende Nascimento (2005, p. 3): “o cordel encanta, informa e, acima de tudo, ensina”.

A literatura de cordel tem um estilo próprio, que é atrelado ao humor. Martins (2016, p. 56) destaca que esse tipo de escrita demonstra a esperteza e sabedoria dos cordelistas que driblam as dificuldades da vida rindo delas. Aos alunos, os poemas favorecem a prática de leitura:

[...] humor pode contribuir para uma prática escolar que tem por objetivo a leitura em sala de aula. Leitura como uma atividade de reflexão e prazer. Tem por objetivo despertar o gosto pela leitura naqueles alunos que ainda não possuem uma relação com tal prática.

Realmente, a literatura de cordel aliada à História vai além do riso, da rima, da improvisação, da métrica e da representação, levando o aluno à reflexão, à crítica, ao inconformismo com as coisas prontas e naturalizadas.

Abreu (2004) explica que a estrutura dos textos dos cordéis é marcada pela estética, pela boniteza e pelas afetividades. É diferente da literatura dita erudita, pautada pelo rigorismo das palavras e das concordâncias, do propósito de falar “corretamente”. O cordel, por sua vez, prima pelo reconto dos versos, pelas formas de ler e reproduzir a língua falada, o idioma do povo. Considerando que a transformação de narrativas históricas em poemas de cordel não passa somente pela métrica e pela rima, devem ser observados elementos como a adequação da sintaxe e do léxico, além de aspectos semânticos e pragmáticos. Assim, Abreu (2004, p. 205) diz que:

[...] a atualização lexical é uma das preocupações dos poetas, pois os folhetos empregam, fundamentalmente, a linguagem contemporânea e cotidiana conhecida pelo público. Não basta, entretanto, versificar e adaptar a linguagem das narrativas, uma vez que os folhetos são compostos segundo determinadas fórmulas de estruturação do enredo, conhecidas como “oração”. Os autores chamam de oração à coerência e coesão, ou seja, articulação dos fatos, opiniões e idéias tanto do ponto de vista lógico quanto da concatenação textual.

Galvão (2000) detém-se na literatura de cordel a partir da figura do leitor/ouvinte, interessada nos seus modos de ler e ouvir e nas características dos espaços e objetos de leitura/audição. Os poemas seriam formas linguísticas escritas em relação com sonoridades, timbres e índices da oralidade. A pesquisadora ressalta, ainda, que, a partir dos anos 1990, os cordéis reforçaram movimentos de renovação da cultura popular, participando de processos de ressignificação das formas de representar e falar do “povo”.

A pesquisadora Trombeta (2021, p. 84) apresenta uma proposta analítica para o ensino de História a partir da literatura de cordel, combinando texto erudito e popular. Segundo a autora, a literatura de cordel pode ser:

[...] cantada ou escrita. Os repentes, como são conhecidas as cantorias, são poemas improvisados que têm como fito lançar desafios poéticos ou pelejas. As canções e os poemas cantados são formalizados na forma oral. Assim, quando transferidos para a modalidade escrita, o gênero se transforma e os folhetos ganham forma. Vale elucidar que todos esses gêneros fazem parte da Literatura de Cordel, mas são formas diferentes de expressá-la.

Uma das modalidades mais conhecidas do cordel é a sextilha, que é uma estrofe que utiliza rimas deslocadas, com seis versos de sete sílabas poéticas. Nesse modelo, as linhas pares rimam e as demais linhas são consideradas versos em branco (Trombeta, 2021).

Com relação ao uso do cordel para compreender as narrativas históricas, destaco sua utilidade pedagógica e capacidade de dinamizar o ensino e a aprendizagem nas ações de leitura, interpretação e produção do conhecimento histórico, como argumenta Cadó (2022, p. 15):

Cordel é dinâmico e capaz de despertar a criatividade dos alunos incentivando-os na tarefa de ler, recitar e escrever folhetos. Levando em consideração o aspecto tradicional da Literatura de Cordel, esse gênero literário é de suma importância para o resgate de nossas raízes culturais, pois, ao enfatizar a riqueza e a expressividade da nossa cultura, ativa o senso crítico, econômico, político e histórico desses sujeitos.

Sim, é possível discutir a história de Lampião por meio do cordel, principalmente sabendo que ele passa despercebido em muitos discursos historiográficos, especialmente na sua terra de origem (Serra Talhada/PE), onde, segundo Ferreira Júnior (2021, p. 11), ele é “um desconhecido”, uma vez que há a “invisibilidade lampiônica no ensino de História nas escolas públicas”. Um das sugestões de Ferreira Júnior (2021), que pode desmistificar essa invisibilidade, é analisar e reconfigurar o currículo, incluindo não apenas a figura de Lampião como personagem a ser estudado, mas também a literatura de cordel como meio para tal fim.

1.5 Ensinar História com cordel: modos de ler o passado

José Saramago (1990, p. 19) crê que o passado é um “imenso tempo perdido” e que tanto a História quanto os textos ficcionais são “viagens através daquele tempo, tentativas de itinerários, todas com um só objectivo, sempre igual: o conhecimento do que em cada momento vamos sendo”. Nas reflexões de Barbosa e Gaglietti (2002), Saramago fala que há um certo parentesco entre a História e a ficção, pois as duas referem-se à “rarefação do referencial”, ou seja, a fragmentação e a seleção dos fatos.

Como menciona Pereira (2022), a relação que os cordelistas têm com o passado pode ser aproveitada no ensino de História. As formas deles narrarem se converte em um componente auxiliar quando da análise das fontes históricas. Os textos cantados possibilitam ao aluno-leitor o encontro com o passado.

Já Santos (2007, p. 118) apresenta o historiador como o autor que pode reconstruir os acontecimentos das histórias vivenciadas e, para tanto, refere-se à necessidade de uma narrativa que ambienta os acontecimentos. O historiador:

[...] informa aos seus leitores o esquema interpretativo no qual se descortina o passado vivido, demonstrando conjuntamente os seus procedimentos narrativos e os recursos metodológicos e teóricos empregados, dando possibilidade de reconhecer que as novas abordagens e objetos de estudos utilizados revelam a diversidade de leituras possíveis e, portanto, diversas formas diferentes de escrita, complementares entre si.

Santos e Santos (2020, p. 4), por sua vez, ambientam a literatura de cordel como cultura do passado e afirmam que esta relação propicia a significação do passado. Logo, a imaginação ou a criatividade podem ser somadas à busca e à narrativa dos acontecimentos históricos:

[...] o historiador não se transporta por meio de sua imaginação ao passado e questiona se o resultado poderia ter sido diferente se determinado fator não tivesse acontecido. Exemplo: será que a Alemanha nazista teria perdido a Segunda Guerra se os Estados Unidos não tivessem entrado nela e pendido a balança para os aliados? Portanto, imaginar por meio de hipóteses outro resultado final de um determinado acontecimento é uma das formas mais plausíveis de o historiador chegar à causalidade dos fatos.

O “marxismo” e o “estruturalismo” são paradigmas explicativos da escrita do passado que começaram a levantar dúvidas sobre as certezas e, por isso, problematizaram-nas. Santos (2007, p. 118) diz que:

[...] consequências dessa crise não devem ser entendidas como negativas para a História, mas sim como possibilidade de problematizar o passado no sentido de reconstruir idéias e experiências propiciando a mudança. A partir desse contexto de crise, a História expande seu campo de conhecimento, caminhando em duas direções:

- A aproximação multidisciplinar com a linguística, antropologia, filosofia e com a literatura encaminhou a História para novos procedimentos teóricos para selecionar temas, técnicas e métodos inovadores. A troca de experiências com áreas afins permitiu que novos caminhos fossem trilhados por meio da criatividade e competência do ofício de historiador.
- Por outro lado, há aqueles que permanecem sob as influências recíprocas das diferentes linhagens puramente historiográficas, com ascendência da ciência política, e buscam aí a transformação dos modos de narrar a História.

O passado pode ser contextualizado no ensino, não somente por meio de “verdades” ditas absolutas, mas também das possibilidades de confrontarmos e questionarmos elas. A Literatura pode ratificar um modo novo de narrar a História.

SEGUNDA SEÇÃO

CANGAÇO, LAMPIÃO E CORDEL

Nesta segunda seção, discuto algumas teorias sobre a história do cangaço e do protagonismo da figura de Lampião. Falo, ainda, sobre discursos preconceituosos referentes ao cangaço e seus sujeitos. Eles eram arruaceiros, bandidos, malfeitores? Ou insurgentes que buscavam justiça e inclusão social? Discutirei o ensino de História em interface com a Literatura (cordel), objetivando problematizar estereótipos e debater a relação entre realidade (História) e ficção (Literatura) nas representações do cangaço na literatura de cordel, cujas narrativas podem ser trágicas ou épicas, a depender da perspectiva discursiva. A História não é homogênea, uma vez que é constituída pela pluralidade de pontos de vista e práticas de subjetivação de seus sujeitos e objetos de estudo.

2.1 O cangaço: considerações históricas

Conhecer a história e origem das revoltas ocorridas no Nordeste brasileiro, entre o final do século XIX e início do século XX, é fundamental para compreendermos os fatos narrados em torno do cangaço e também desconstruir preconceitos movidos por representações estereotipadas sobre nossa região.

Os movimentos que antecederam o cangaço – os primeiros motins registrados no sertão – foram versados em cordel pelo então soldado do exército João Melchíades Ferreira da Silva. Esse cordelista participou da Guerra de Canudos e, depois de aposentar-se, passou a escrever sobre esse evento. Em seus poemas, Melchíades (1869-1933) narra a história de Canudos a partir de visões diferentes. O autor descrevia o líder do Arraial de Canudos, Antônio Conselheiro, como doutrinador, desordeiro, feiticeiro e fanático que iludia o povo ignorante do sertão (Curran, 2009).

A Guerra de Canudos foi o primeiro grande evento nacional registrado em cordel por um autor que vivenciou os fatos narrados. Os acontecimentos descritos na obra de Melchíades contam a história de Antônio Conselheiro descrevendo-o como um líder religioso, venerado pelas pessoas como “Bom Jesus Conselheiro” ou até mesmo “Santo”, levando muitos sertanejos a segui-lo, conforme relata Curran (2009).

Antônio Conselheiro criou em Canudos/BA uma jagunçada semelhante aos futuros cangaceiros do Nordeste. Vivendo como nômade, o líder religioso conseguiu atrair cerca de 20 a 30 mil pessoas para o Arraial, que lá construíram igreja, casas e cemitérios (Fausto, 2006; Curran, 2009).

Em *História do Brasil*, livro escrito por Boris Fausto (2006, p. 257), relata-se que o motim iniciado em Canudos foi motivado por:

[...] um incidente sem maior importância, em torno do corte de madeira, levou o governador da Bahia à decisão de dar uma lição aos “fanáticos”. Surpreendentemente, a força baiana foi derrotada. O governador apelou então para as tropas federais.

Ainda segundo Fausto (2006), após sucessivos ataques fracassados a Canudos, uma última expedição comandada pelo general Arthur Oscar, constituída por 8 mil homens e dotada de equipamento moderno, destruiu completamente o Arraial, em agosto de 1897, após um mês e meio de luta. Enquanto seus defensores morriam em combate, os prisioneiros eram degolados.

No mesmo livro, Fausto revela que, para os políticos republicanos, aquela tinha sido uma luta da “civilização contra a barbárie”. Na verdade, havia “barbárie” em ambos os lados e mais ainda entre aqueles homens instruídos que tinham sido incapazes de, pelo menos, tentar entender a gente sertaneja.

Há diversas explicações referentes à origem da palavra *cangaço*. Segundo uma delas, o termo teria origem popular, derivado de *canga*, um utensílio utilizado no pescoço dos animais para transportar mantimentos, objeto comum no semiárido nordestino. Devido à vida seminômade dos cangaceiros, estes carregavam muitos pertences durante a caminhada de um lugar para outro (Sena, 2021).

Para Curran (2009), o “fenômeno” cangaço surgiu como uma versão oposta às figuras do capanga ou do jagunço a serviço de um chefe político da região. Os cangaceiros eram comandados por um líder e desafiavam os donos de terras, as oligarquias e até mesmo as leis vigentes à época da Primeira República.

Historicamente, o cangaço se desenvolveu no Nordeste brasileiro entre os anos finais do século XIX e o início do século XX. A região semiárida, marcada pela escassez de água e alimentos, e também pela falta de assistência social e políticas públicas naquele período, era um cenário de condições precárias, fome e miséria para o povo (Sena, 2021).

O sertão, por conseguinte, costuma ser descrito como uma terra seca e desafiadora, um território hostil que contrasta fortemente com a paisagem deslumbrante e acolhedora do litoral. O Polígono da Secas, por exemplo, é uma área geográfica conhecida por sua escassez de água e longos períodos de secas. De acordo com Ramalho (2013), trata-se de uma área onde as

condições climáticas tornam a agricultura e a vida cotidiana desafiadoras devido à falta de chuva e à aridez do solo. O Polígono abrange boa parte do Nordeste, além do Estado de Minas Gerais, localizado no Sudeste do país.

Esse território, frequentemente devastado por períodos de seca, caracteriza a paisagem semiárida, onde os solos rasos e pedregosos cobertos pela vegetação da Caatinga desafiam o homem, que usa os recursos à disposição para sobreviver e resistir às grandes estiagens (Ramalho, 2013).

Terra (1983) discute o cangaço a partir dos cordéis de Francisco das Chagas Batista (1882-1930), para quem cangaço significa, em terceira pessoa, “héroi não assumido” e os cangaceiros são descritos como “valentes”. Nos poemas analisados, Lampião é representado como parente e sucessor de Antônio Silvino².

Considerando o contexto sócio-histórico da época, os movimentos sociais brasileiros começaram a surgir no início da Primeira República. Diante dos graves problemas que afetavam a sociedade e da ineficiência do Estado frente a eles, emergiam os movimentos rebeldes, no Nordeste, que desejavam fazer justiça social com as próprias mãos.

De fato, a bibliografia sobre a história do cangaço é diversa, desde a literatura, aos registros históricos, passando pelas teses políticas e sociológicas, documentários, filmes, entre outros documentos. Nos vários “retalhos” dessa história, há linhas que se entrelaçam e também linhas que se soltam, representando uma construção plural do evento histórico. As imagens tecidas pela Literatura e pela História constroem o cangaceiro ora como símbolo de luta, ora como bandido e, por vezes, herói. Como diz Curran (2009, p. 63), “hoje em dia, o cangaceiro cumpre no Brasil um papel semelhante àquele do *bad man* do cinema americano clássico [...] como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Antônio das Mortes*”.

2.2 O sertão nordestino: território e sujeitos

O contexto econômico do Brasil no século XVII era atrelado ao processo de colonização. O ciclo do açúcar funcionava no litoral e havia a necessidade de expandir a pecuária no sertão devido à procura por novas terras, a fim de organizar o plantio da cana-de-açúcar e a criação de gado (Victor, 2009).

²Segundos dados escritos por Nogueira (2020, p. 1), Antônio Silvino “foi um dos mais famosos cangaceiros da História do Brasil, sendo muitas vezes tratadas como o Rei do Cangaço que antecedeu Lampião, mesmo que ele tenha vivido até mais tempo que o capitão Virgulino, por não ter sido morto pelas forças policiais. Nascido na cidade pernambucana de Afogados de Ingazeira e batizado com o nome de Manoel Baptista de Moraes, ele foi um dos mais influentes na cultura nordestina”.

A história do cangaço, como diz Braga (2017, p. 1), “é a nossa própria história”, história feita de relatos sobre injustiças e vinganças que aparecem mais fortemente no Nordeste brasileiro, cenário onde aconteceram as revoltas que marcaram esse movimento. Segundo Souza (2009), o Nordeste é o lugar de um povo sofrido em muitos aspectos: desde a ausência de justiça social às desigualdades no sertão. Nesse contexto, a relação do homem sertanejo com o semiárido é guiada por uma combinação de adaptação, resiliência, cultura e desafios socioeconômicos, o que dá a ver uma convivência complexa e multifacetada com um ambiente natural único e desafiador.

O sertão nordestino, palco do cangaço, é uma região com altas temperaturas e baixa precipitação de chuvas durante o ano. Oliveira e Farias (2018), ao analisarem o poema “ABC do Nordeste Flagelado”, de Patativa do Assaré, observam que o autor narra o espaço vivido pelas pessoas daquela época e as paisagens do interior do sertão nordestino. Para eles, o texto de Assaré permite-nos compreender as características da identidade de um lugar, os modos de construção da sua imagem e o discurso da representatividade espacial, bem como suas tradições, o saber comum e a “expressão do real”.

No poema mencionado, Patativa do Assaré (2008, p. 1) descreve nos versos, I, J e L o sofrimento do sertanejo e a paisagem seca à espera da chuva que demora:

I

*Ilusão, prazer, amor,
a gente sente fugir,
tudo parece carpir
tristeza, saudade e dor.
Nas horas de mais calor,
se escuta pra todo lado
o toque desafinado
da gaita da seriema
acompanhando o cinema
no Nordeste flagelado.*

J

*Já falei sobre a desgraça
dos animais do Nordeste;
com a seca vem a peste
e a vida fica sem graça.
Quanto mais dia se passa
mais a dor se multiplica;
a mata que já foi rica,
de tristeza geme e chora.
Preciso dizer agora
o povo como é que fica.*

L

*Lamento desconsolado
o coitado camponês
porque tanto esforço fez,*

*mas não lucrou seu roçado.
Num banco velho, sentado,
olhando o filho inocente
e a mulher bem paciente,
cozinha lá no fogão
o derradeiro feijão
que ele guardou pra semente.*

Repositório de um mosaico de paisagens, o Nordeste conta com uma variedade de condições naturais, que incluem desde regiões úmidas e chuvosas concentradas no litoral até áreas do semiárido (Araújo e Trovão, 2015). Para caracterizar a Região Nordeste, observemos a Figura 2:

Figura 2: Representação do bioma com mesorregiões do Nordeste



Fonte: Araújo e Trovão (2015)

Como dito, o Nordeste é marcado pela seca e pela diversidade. O cordelista Marcos Medeiros (2010, p. 5) enfatiza que o povo nordestino sabe “se virar” com as riquezas que tem, em meio aos apereios da vida e desse território de escassez, no qual se sobrevive com resiliência. Leiamos alguns versos de sua autoria:

*Desde há muito que me gabo,
Das riquezas naturais.*

*Com plantas de serventia,
Iguamente aos animais,
Cotando o simples tatu,
Tanto quanto o cururu,
E as ervas medicinais.*

A flora e a fauna do Nordeste serviram de abrigo, colaboraram nas fugas dos cangaceiros, foram espaço das batalhas do cangaço e, ao mesmo tempo, delas se retirava o alimento e a cura para as enfermidades. Assim narra Marcos Medeiros (2010, p. 8):

*Mesmo havendo violência,
Pelos sertões nordestinos,
A vida simples do campo,
Compensava os desatinos.
Mostrando para o cangaço,
Que seu verdadeiro espaço,
Pertencia aos campesinos.*

*Os rouxinóis, com seus trinos,
Soltaram sons maviosos,
Que levaram paz à terra,
Ante àqueles cães raivosos
Que viviam do sertão,
Tirando alimentação,
Dos campestres desditosos.*

*Foram-se os delituosos,
Ficaram lindos gorjeios.
As armas foram depostas,
Surgiram mais nobres meios.
Para alimentar o povo
Para atender os anseios.*

Foram essas as condições que fizeram do Nordeste o palco do cangaço, imprimindo ao movimento as particularidades e resistências do povo. Nesse espaço resiliente, o cangaço construiu seu domínio e resistiu às adversidades do sertão.

O cangaço foi um dos movimentos sociais emergentes no Brasil República, dando origem à formação de bandos com indivíduos muitas vezes marginalizados que lutavam contra as injustiças sociais e as condições adversas da sociedade. Não era apenas um movimento ligado a questões sociais, mas também a questões culturais referentes ao processo de apropriação das áreas do sertão nordestino (Costa, 2021).

Nas palavras de Medeiros (2009, p. 217-218), o estudo sobre o território nos permite compreender como os espaços são socialmente construídos e como as pessoas se relacionam com eles em níveis individuais e coletivos, caracterizando-os:

[...] como um espaço político, um jogo político, um lugar de poder. Definir seus limites, recortá-lo, é sinônimo de dominação, de controle. O domínio entre pessoas e nações passa pelo exercício do controle do solo. [...] O território é pois, esta parcela do espaço enraizada numa mesma identidade e que reúne indivíduos com o mesmo sentimento.

Assim, o território não se refere apenas a uma área geográfica, mas também aos significados simbólicos, culturais e políticos atribuídos a essa área. Ele está relacionado ao controle, ao uso e à organização do espaço, podendo ser entendido como um produto das interações sociais e das práticas cotidianas das pessoas. É nesse contexto que a “identidade” do “povo nordestino” é uma invenção que realça o atraso, a pobreza e o arcaico como traços estruturantes dessa espacialidade e sua gente. Nessa perspectiva, Albuquerque Júnior (1999, p. 49), citado por Galvão (2000, p. 28), argumenta que o “Nordeste é uma produção imagético - discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país”.

Por outro lado, podemos refletir sobre o pertencimento do sujeito ao lugar, que diz respeito ao sentimento, à ligação emocional, à identificação e ao vínculo que os indivíduos ou grupos têm com um determinado território. Esse sentimento de pertencimento pode ser construído a partir de diversos elementos, como história compartilhada, cultura, tradições, idioma, valores e experiências comuns. Assim, Maldi (1998, p. 3), em seus escritos, destaca que pertencer ao território:

É também a raiz para a formulação coletiva da identidade. O indivíduo constrói sua identidade baseando-se na sua localização com relação a um grupo e na relação que possui com a totalidade, de tal forma que o território passa a ser determinado e vivido por meio do conjunto das relações institucionalmente estabelecidas pela sociedade.

O conhecimento de Lampião sobre esse território fez dele um líder imbatível durante muito tempo. Nos vários embates contra as forças policiais e militares da época, seu grupo de cangaceiros demonstrou habilidade no domínio de técnicas de guerrilha e sobrevivência. Lampião, particularmente, era conhecido por ser astuto e estratégico, o que inspirava seus seguidores. Sua resistência ganhou notoriedade nacional e até internacional, tornando-o uma figura lendária, como destaca o artigo publicado pelo Jornal de Pernambuco, em fevereiro de 1938, citado por Grunspan-Jasmin (2006):

Dotado de astúcia singular, enorme resistência, capacidade de comando em relação á gente de sua laia e de conhecimento perfeito das terras que percorria e a cujos habitantes castigava, o fantasma nordestino sempre conseguiu iludir as vinditas particulares, que uma por outra vez o perseguiram, e o da polícia. Matreiro, precavido, com uma visão de felino para o assalto e para a retirada, e sabendo amedrontar e seduzir os que lhe pudessem ser uteis, ao fim de algum tempo suas possíveis vítimas o ajudavam contra as perseguições, preferindo no sertão longínquo e desvalido, antes a benevolência do bandoleiro sanguinário do que o cumprimento do dever em proveito

da Lei. Com tais adjutórios e sua manha de fera, o cangaceiro criou entre a gente inculta sujeita ao seu poderio feroz a impressão de infalibilidade.

De acordo com o site Canoa de Tolda (2019), que reúne especialistas em cangaço, há afirmações que caracterizam o sertão como um espaço geográfico impenetrável, imaginário tecido ao longo dos séculos.

2.3 Lampião em versos: representações no cordel

Virgulino Ferreira da Silva nasceu em 7 de julho de 1897 na fazenda de Serra Talhada, no Estado de Pernambuco. De acordo com diversos registros sobre seu nascimento, muitos estudiosos defendem essa data como sendo a de batismo. Porém, Estácio de Lima³, citado por Grunspan-Jasmin (2006), narra em seus versos que Virgulino nascera em 4 de junho de 1898. No poema, conta-se uma história (mística) na qual o cangaceiro teria nascido logo após a derrota do Arraial de Canudos, como se a história do “anjo do Apocalipse devastador do sertão” desse continuidade à saga de Antônio Conselheiro⁴.

Os Ferreira eram uma família simples, mas com condição financeira razoável. Filho de lavradores, José Ferreira conseguiu assegurar que seus filhos fossem alfabetizados, inclusive Lampião, que sabia ler e escrever (Grunspan-Jasmin, 2006).

O cangaço emergiu no Nordeste ao final do século XIX e perdurou até meados do século XX. Os estados pelos quais passou Lampião foram: Ceará/CE, Rio Grande do Norte/RN, Paraíba/PB, Pernambuco/PE, Alagoas/AL, Sergipe/SE e Bahia/BA. Como observamos na Figura 2, os únicos estados onde o bando não esteve foram Maranhão/MA e Piauí/PI.

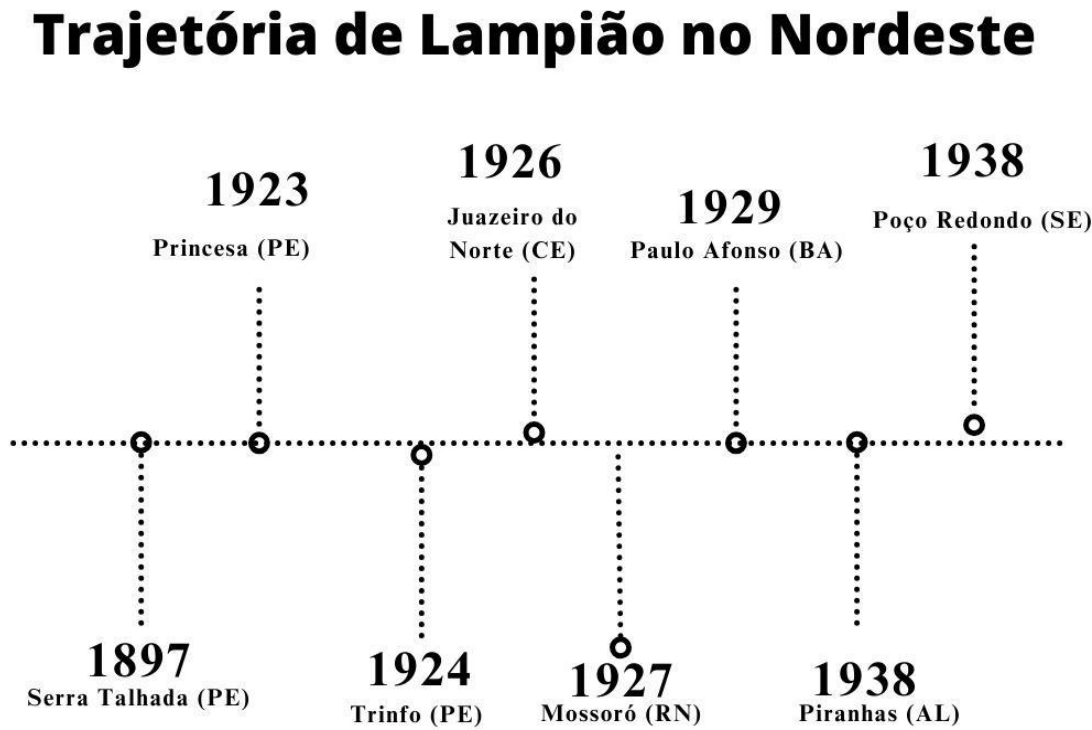
Segundo Ramos Filho (2017), o bando formado por grupos de homens jovens – em sua maioria, pobres e marginalizados –, que buscavam formas de resistir à opressão e encontrar meios de sobrevivência, atuava no sertão, onde várias cidades interioranas registraram a presença dos cangaceiros em seus territórios, como vemos a seguir:

³O cordelista Estácio de Lima, segundo Grunspan-Jasmin (2006), foi um dos primeiros a escrever sobre a biografia de Lampião.

⁴O autor apresenta vários relatos num raio de dez anos acerca do nascimento de Lampião, desde registros no cartório ao batismo do personagem.

daí, inúmeras revoltas ocorreram na Região Nordeste. Abaixo, condensei em uma linha do tempo (Figura 4), a partir de Ramos (2017), alguns dos diversos embates travados por Lampião no cangaço, começando pelo seu nascimento em Serra Talhada/PE e culminando com sua morte em Poço Redondo/SE.

Figura 4: Linha do tempo – Trajetória de Lampião no Nordeste.



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Conforme o cordelista Cabral (2009, p. 4), o início do cangaço é marcado pelas disputas entre as famílias Nogueira e Ferreira: “por questão de terra e gado, não faltava confusão. Porque sempre apareciam. Reses mortas pelo chão, com chocalhos amassados, para aumentar a questão”.

Na história contada no cordel de Estácio de Lima (1965, p. 143), citado por Grunspan-Jasmin (2006, p. 52), Lampião sempre foi um menino esperto e cheio de protagonismo. Ainda quando criança, seus pais alimentavam projetos de estudos para ele, exprimindo o desejo de que superasse sua modesta condição. No entanto, contradizendo os desejos de José Ferreira, os estudos não chamaram a atenção de Lampião, que se dedicava à vida de vaqueiro. Leiamos os versos do cordelista:

*Os seus pais pediram muito
Para ele ir estudar*

*Ele não quis aceitar
Dizendo: dê-me um cavalo
Que eu quero é campear...*

*O pai deu-lhe um bom cavalo
Por nome de Azulão!
Virgulino em cima dele
Vaquejava igual ao cão
E nunca encontrou boi brabo
Pra botá-lo no chão.*

Ainda adolescente, Lampião já amansava burros no campo, ganhando fama como um dos melhores vaqueiros do Pajeú. Inteligente, Lampião aprendeu a fazer selas, gibões, arreios, perneiras, chapéus de couro, alforjes e bornais para vender nas feiras de Nazaré, São Francisco, Triunfo, Custódia e Salgueiro, além de ter herdado os ensinamentos de seu pai para tocar sanfona e cantar toadas, repentes, baiões e xaxados com muita inspiração. Grunspan-Jasmin (2006, p. 53) cita um trecho do cordel de Estácio de Lima (1965, p. 143) que narra a vida do jovem Virgulino:

*Até aos 17 anos
Vivia calmo e sossegado
Até todos o conheciam
Por lutador honrado
E nessa idade os retrocessos
Fizeram-no mau e desgraçado.*

Os versos acima revelam que Virgulino entraria logo cedo em uma vida de violência e criminalidade, contrária à rotina tranquila e honesta vivida em sua infância e adolescência. O poema refere-se a Lampião, mas poderia ser sobre a vida de muitos cangaceiros que não entraram no cangaço por acaso. Por trás de todos os cangaceiros, há uma história de vida, um ser social muitas vezes inconformado, querendo fazer justiça com as próprias mãos.

Antes de discutir os diversos motivos que levaram Lampião a ingressar no cangaço, é importante trazer à tona o espaço que o cercava. O lugar onde o personagem vivia é uma das regiões mais secas do país, a exemplo do Estado de Pernambuco. Essa topografia da seca é retratada no poema de J. Victor (2009, p. 4):

*Aqueles torrões de terra
Nas secas que ali nasciam
Deixaram pelo caminho
Os corpos que apodreciam
Alimentando os morcegos
Aos olhos dos que viviam.*

*A terra aqui no sertão
É seca como farinha
A cobra vai rastejando
Deitada como uma linha*

*Aqui é lugar para macho
E a forte erva daninha.*

*As secas que ainda hoje
Assolam o grande nordeste
Criaram saqueadores
Por todo aquele Oeste
Não adianta rogar
Ajuda alguma celeste.*

Nesse ambiente de pobreza e lutas, há também uma região com beleza, que enche os olhos do sertanejo, e saberes da Caatinga, como narra Marcos Medeiros (2010, p. 1-2) em seu cordel *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro*. No poema, ele apresenta o Nordeste como uma região seca, mas onde os habitantes criaram mecanismos de sobrevivência para se adaptarem ao território:

*Fauna e flora da caatinga
Têm valor pro beradeiro
Servindo como alimento,
Ou de remédio caseiro.
Sempre foi grande riqueza,
Sustentando, com certeza,
Campesino e cangaceiro.*

*Em meio ao grande sequeiro,
Onde cabrito abre o berro,
Mororó quebrava o galho,
E pau forte era pau-ferro.
Quando os cabras do cangaço,
Ocupava tanto espaço,
Que não cabe onde hoje encerro.*

*Se alguma placa descerro,
Neste tema relatado,
Destaco o tejo e o mocó,
Por terem alimentado,
O caboclo do sertão,
Numa hora de precisão,
No tempo mais estiado.*

*Pelo sol tão causticado,
O sertanejo sofrido,
Foi buscar no xique-xique
O alimento requerido.
E fez doce do facheiro,
Enquanto que o cangaceiro,
Assaltava qual bandido.*

*Tomando o recurso havido,
Sem ter comisseração,
O cangaço consumia,
Os dotes da região.
E pra mordida de cobra,
Tirava leite de sobra,*

De um simples pé de pinhão.

*Para dor no cabeçaço,
Logo gengibre mascava.
Se tinha dor de garganta,
Chá de formiga tomava.
Mas se reumatismo tinha,
Essa doença continha,
Com a banha que 'ele passava.*

*Capivara ele matava,
Para retirar a banha.
A asma estando presente,
Caçava com muita manha
A primeira ema que visse,
Pra que a banha lhe servisse,
E não lhe tirasse a sanha.*

Os versos de Marcos Medeiros (2010) narram a utilização de plantas medicinais e costumes que ainda hoje estão presentes em várias famílias no Nordeste. Se o filho amanhece com a garganta inflamada, o remédio é “banha de tejo”; se aparece alguém com indigestão, arruma-se logo um chá para acalmar a barriga. O uso da medicina caseira ou das plantas medicinais é tema do trabalho de Pereira e Loiola (2009), no qual as autoras ratificaram a importância da universidade incentivar e valorizar o conhecimento popular de comunidades tradicionais.

Sena (2021, p. 8) vê o sertão como um espaço que abraça as desigualdades sociais, tal qual acontece em vários lugares do Brasil. Entretanto, as dificuldades são mais acentuadas no Nordeste, uma vez que a:

[...] região sertaneja do Nordeste brasileiro era atrasadíssima, raras eram as escolas em algumas vilas, a sociedade enfrentava também a ilegalidade e a desordem, o que possibilitou o aparecimento de fortes grupos armados e o surgimento dos jagunços, que espalhavam terror na região, saqueando, matando, cometendo uma série de atrocidade na região.

Não estou dizendo que a seca foi a única justificativa para muitos homens ingressarem no cangaço, já que inúmeras pessoas escolheram migrar para outros estados brasileiros à época. Contudo, ela não deixa de me parecer um dos principais motivos a levar tantos sujeitos para esse movimento, inclusive porque o cangaço era uma possibilidade de sobrevivência e vingança, como sugerido por diferentes autores ao longo desta dissertação.

Curran (2009, p. 61) caracteriza o cangaço e alguns termos atribuídos aos cangaceiros desta forma:

No cordel, o cangaceiro é o héroi por excelência, misto de bandido, criminoso e lutador pela justiça no sertão nordestino. Nas obras cordelistas contemporâneas, é visto como o tipo de heróico legítimo, maior do que a vida, verdadeiro “cavaleiro do sertão” [...] é conhecido pelos epítetos: Rei do Cangaço, Rei do Sertão, Terror do Nordeste, Rifle de Ouro, Leão do Norte e, no caso do célebre Lampião, Galo Cego. Trata-se da variante folclórica moderna do cavaleiro medieval, seguindo o modelo cordeliano extraído das histórias de Carlos Magno e seus pares: vê-se a cena de Carlos Magno chorando a morte de Rolando quando o cangaceiro Antônio Silvino chora a morte de seus homens, depois de uma luta sangrenta, ou quando Riobaldo lamaneta a perda de seus jagunços, na obra-prima de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: veredas*.

Nos versos de *Os cabras de Lampião*, Manoel D’Almeida Filho (1965, p. 1) descreve as façanhas do bando de Lampião demarcando o lugar de fala dos personagens, das marcas de injustiças, criminalidade, vingança e banditismo. O autor ressalta que estes ficaram registrados “nas entranhas do Nordeste. Com sangue, com ferro e fogo, como a maldição da peste”.

O poeta Nertan Macêdo (1962, p. 109), citado por Grunspan-Jasmin (2006, p. 54-55), narra versos nos quais o próprio Lampião teria escrito episódios de sua vida antes de ser “obrigado” a entrar no cangaço. A “voz” de Lampião, assumida no poema, enfatiza o sofrimento causado pela exclusão de uma vida que poderia ter sido diferente, além da evocação nostálgica e sentimental do luto pela morte do seu querido pai:

*Para minha infelicidade
Entrei nesta triste vida
Não gosto nem de contar
A minha historia sentida,
A desgraça enche o meu rosto
Em minha alma entra o desgosto
Meu peito é uma ferida*

*Quando me lembro senhores
Do meu tempo de inocente
Que brincava nos cerrados
Do meu sertão sorridente
Sinto que meu coração
Magoado desta paixão
Bate e chora amargamente*

*Meu pai e minha mãe querida
Quiseram me ensinar
No colo carinhoso
E ela ensinou-me a rezar
E a todos muito respeitar
E êle ensinou-me nos campos
E eu menino a trabalhar.*

*Cresci na casa paterna
Quis ser homem de bem
Viver de meus trabalhos
Sem ser pegado a ninguém
Fui almocreve na estrada
Fui até bom camarada*

E tive amigos também

*Tive também meus amôres
Cultivei a minha paixão
Amei uma flor mimosa
Filha la do meu sertão
Sonhei de gozar a vida
Bem junto à prenda querida
A quem dei meu coração.*

*Hoje sei que sou bandido
Como todo mundo diz
Porém já fui venturoso
Passei meu tempo feliz
Quando no colo materno
Gozei um carinho terno
De quem tanto bem eu quiz.*

*Meu rifle atira cantando
Em compasso assustador
Faz gôsto brigar comigo
Porque sou bom cantador
Enquanto o rifle trabalha
Minha voz longe se espalha
Zombando do próprio horror.*

*Nunca pensei que na vida
Fôsse preciso brigar
Apesar de ter intrigas
Gostava de trabalhar
Mas hoje sou cangaceiro
Enfrentarei o balseiro
Até alguém me matar.*

*Quando pensei que podia
O caso estava sem jeito
Vou dar trabalho ao govêrno
Enfrentar agora de peito
E trocar bala sem receio
Morrendo num tiroteio
Sei que morro satisfeito.*

*Nunca pensei que na vida
Fôsse preciso brigar
Apesar de ter intrigas
Gostava de trabalhar
Mas hoje sou cangaceiro
Enfrentarei o balseiro
Até alguém me matar.*

A história contada por Grunspan-Jasmin (2006) no livro *Lampião, senhor do sertão* narra o conflito entre famílias, que se iniciou quando Zé Saturnino disputava as terras de seu vizinho José Ferreira, pai de Lampião. Nesse período, o coronelismo era comum nos redutos eleitorais do sertão. Segundo relatos, Saturnino estava em ascensão política na época, o que contribuiu na investida contra os Ferreira, que perderam a posse das terras em 1915.

2.4 Cordel: definições

Há diversas versões quanto à chegada e à popularização do cordel no Brasil. O cordel é definido como um folheto que inclui textos com rimas e apresenta múltiplos domínios temáticos, a exemplo das histórias de romance, de poder, de oração, de humor e de situações do cotidiano. O termo *cordel* é de origem “ibérica”, de acordo com Luyten (2005, p. 13), citado por Lacerda e Neto (2010, p. 224), tendo em vista que na Espanha e em Portugal era costume colocar os livretos nos barbantes durante as feiras, à semelhança de roupas estendidas em varais.

Ao longo da Idade Média, na Península Ibérica (Portugal e Espanha), surgiram os primeiros folhetos. Nesse sentido, Holanda e Rinaré (2009, p. 19) dizem que “[...] os versos dos trovadores, que antes eram escritos à mão, recitados e/ou cantados passaram a ser impressos em papel”. Já no Brasil, os folhetos chegaram nos balaies dos colonizadores:

Os folhetos nordestinos ganharam a denominação de “Cordel” do pesquisador francês Raymund Cantel, na década de 70 do século XX. Segundo este, os folhetos eram vendidos na Europa em cordéis ou barbantes. Daí veio o termo Literatura de Cordel, até então desconhecido (Holanda e Rinaré, 2009, p. 20).

Uma vez conhecidas pelos povos, essas histórias, permeadas por elementos medievos, ganharam conotações fantasiosas no imaginário nordestino. Poetas e violeiros, os vates locais, logo passaram a recontá-las e a reinventá-las, usando para isso seu talento para rimar.

A literatura de cordel firma-se no Nordeste a partir das transformações econômicas, sociais e políticas da região. Assim, esses textos narram feitos e acontecimentos por meio dos versos escritos e/ou falados dos cordelistas (Terra, 1983).

Quanto à divulgação do cordel, Ferreira Júnior (2020, p. 110) explica:

[...] a literatura de cordel, no Brasil, [pode] ser vista como pertencente ao campo da chamada cultura popular, visto que foi fruto de rica tradição oral, proveniente de cantadores, bem significativa no Nordeste, nos séculos XIX e XX. Todavia, em Portugal, de onde provém o cordel, entre os séculos XVI e XVIII, esta literatura esteve atrelada à chamada cultura erudita.

O termo *cordel* vem da prática de pendurar os folhetos em barbantes para ficarem à mostra e serem vendidos nas ilhas portuguesas. Esse termo continuou sendo utilizado no Brasil para se referir aos folhetos que contivessem histórias narradas em verso e imagens desenhadas a lápis, sem necessariamente estarem expostos em barbantes. Com relação à estrutura do cordel, Ferreira Júnior (2020) afirma que ele é composto por capa (ilustração em xilogravura), miolo

(onde está situada a narrativa) e contracapa (geralmente com referências aos autores ou em branco).

Haurélio (2013) argumenta que não houve empecilhos à circulação do cordel no Brasil, mesmo que sua origem tenha sido atribuída à Europa. Há registros do cordel desde o século XIX em terras nordestinas, como no romance *A pedra do Reino* (1836), que inspirou obras de Ariano Suassuna. De toda forma, é fato que uma das principais manifestações literárias do Brasil é a literatura de cordel, que recorre às narrativas relacionadas à tradição oral e à cultura popular (Cadó, 2022).

De acordo com Conceição (2010, p.10) o cordel pode ser evidenciado como um gênero textual, com padrões de construção nas estrofes, que vai demarcando as modalidades, que:

Pode-se entender com base na classificação bakhtiniana, que o cordel é um gênero secundário por surgir a partir de trocas culturais e se tratar de uma manifestação artística escrita da cultura popular do nordeste brasileiro. É importante ressaltar, que os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros simples durante seu processo de formação, incorporando características do primeiro.

Os poemas do Cordel apresentam padrões na construção de suas estrofes, dando origem as chamadas modalidades. Dentre as modalidades de Cordel, pode-se citar a parcela ou verso de quatro sílabas, verso de cinco sílabas, sextilhas, setilhas, oito pés de quadrão ou oitavas, décimas, martelo agalopado, galope a beira mar e meia quadrão.

As denominações *cordel*, *folheto* ou *literatura de cordel* são vistos por tantos escritores com diferentes cognomes. Conceição (2010) apresenta o cordel como um gênero intermediário entre a oralidade e a escrita, relacionando o contexto temático, o estilo e a construção composicional. Já Rodrigues (2014, p. 159) caracteriza o cordel por diversas designações, sendo o,

Cordel, folheto, livro, livrinho, romance, estas e outras denominações tentam definir o objeto que faz parte de um universo multifacetado e que não se encontra em local fixo de significação. Entretenimento para uns, objeto de estudo para outros, o cordel agrada “gregos e troianos”. Talvez seja essa a razão de tamanha circularidade entre grupos diversos.

Nesta dissertação, estou utilizando os três termos: *literatura de cordel*, *cordel* e *folhetos*. A relação do cordel com a História amplia as capacidades cognitivas dos alunos no estudo de um passado. O cordel é também uma forma de assimilar conhecimento histórico, o que, por sua vez, dá à disciplina de História um modo novo de ministrar seus conteúdos (Xavier, 2010).

Trombeta (2021) ressalta que a literatura de cordel recebeu influências de várias partes do mundo, mas no Brasil os cordelistas entendem que ela ganhou singularidade a partir da cultura regional nordestina. Quanto à classificação da literatura de cordel no Brasil, há dois grupos: folhetos e romances. A diferença entre eles está na temática e no número de páginas.

Os folhetos e os romances se subdividem, por sua vez, em três categorias: narração, descrição e comentários, como nos apresenta Trombeta (2021, p. 81-82):

[...] destacam-se relatos de acontecimentos marcantes (secas, inundações, guerras); narrativas de fatos heróicos (histórias de cangaceiros reais ou proscritos imaginários); tributos a personagens religiosas ou políticas (padres, freis, governadores, presidentes, entre outros), contos de exemplos, representações de desafios, ditos graciosos (às vezes, obscenos), sátiras de costumes etc. Já os romances são obras narrativas ficcionais que, geralmente, apresentam de vinte e quatro a sessenta e quatro páginas. Seus temas são basicamente: histórias de amor, sofrimento e bravura. Geralmente, as composições narram sucessos notáveis e heróicos de encantamento com personagens como príncipes, fadas e reinos encantados

No Nordeste, a literatura de cordel é prestigiada e conta com poetas renomados, além de apresentar diversidade de folhetos, acervos de pesquisa (sobretudo em universidades) e estar presente em livrarias, bancas, museus e – por que não? – nas escolas. É fato que, hoje, esse objeto de leitura está em vários espaços (Silva, 2012).

2.5 O cordel no ensino de História

O uso do cordel nas aulas de História tem se tornado um meio facilitador da aprendizagem e da compreensão de fatos históricos com mais leveza e entretenimento. O processo de ensino de História potencializa-se, principalmente, quando a poesia cordelista aborda elementos do cotidiano dos discentes. De acordo com Ferreira Júnior (2020, p. 115), o cordel pode ser trabalhado com o objetivo de:

[...] promover identificação do alunado com suas narrativas, o cordel utilizado no ensino de história também pode vir a estimular o aluno a participar de construção de textos, próprios de cordel, utilizando elementos dos conteúdos definidos para serem estudados na disciplina história. Isto, por sua vez, promove ao aluno um sentimento de pertença, quando da construção de conhecimento histórico.

O trabalho pedagógico com a Literatura pode ser realizado por meio de alguns itinerários metodológicos, considerando a diversidade dos processos de ensino: crítica documental, planejamento da aula, comparação e confronto de documentos (Nascimento, 2005).

Tragino (2016) ressalta que a Literatura e a História se relacionam pelo entendimento historiográfico no contexto regional. Já Cavalcante (2013) discute em sua pesquisa o diálogo entre a literatura erudita e o cordel na escola, ratificando que ambas podem estimular o discente e favorecer seus processos de letramento literário, aproximando os leitores do texto poético e do ensaio historiográfico, por exemplo. Assim, as práticas de ensino podem refletir e valorizar

os saberes e fazeres discentes, criando um espaço de formação no qual se aprenda o “[...] discurso sobre a história e a sua função como instrumento cultural” a partir de múltiplas fontes, “a fim de produzir conceitos e conhecimentos históricos” (Ricardo, Melo e Silva, 2019, p. 8).

Nascimento (2005) afirma que os folhetos podem ser problematizados nas aulas de História, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Por serem documentos, são usados para discutir temas atuais da sociedade brasileira. A historiografia contemporânea discute as fontes históricas que envolvem outras linguagens, como a literária.

O ensino de História pode e deve abranger a diversidade documental e discursiva, incluindo em seu escopo metodológico a iconografia, o audiovisual, a oralidade e a análise por meio dos folhetos de cordel (Ricardo e Tamanini, 2022). Discorrendo sobre a iconografia, em específico, Sampaio (2017) ressalta o papel formador da obra de arte que representa, através de imagens, uma realidade social, religiosa, étnica etc. O cordel não é apenas um suporte onde descansam textos e imagens. Ao contrário, os folhetos são fontes abertas, como todas as outras, às arguições, problematizações, inquiuições. Não são apenas fontes para pesquisas de cunho historiográfico e literário. O cordel se abre como possibilidade concreta para ensinar História e formar leitores.

O uso do cordel nas aulas de História é frequente em algumas escolas do Nordeste brasileiro. Nascimento (2005) sugere que isto ocorre porque os poemas são um recurso didático que pode ser contextualizado nas salas de aula para compreender o passado e o presente, uma vez que não são apenas textos escritos, mas artefatos linguísticos que encantam, informam e ensinam por meio de múltiplas linguagens, a exemplo das imagens.

O uso do cordel em sala de aula contempla quatro pontos importantes no ensino de História, a saber: I) crítica documental, que inclui objetivos e problematização definidos pelo professor em sala de aula; II) planejamento da aula, considerando o processo de ensino-aprendizagem e os objetivos a serem alcançados; III) uso da comparação, na qual ocorre o cotejo do poema em relação à narrativa histórica; e, por último, temos a IV) articulação dos documentos, que pode incluir a versão dos cordéis e o livro didático, por exemplo (Nascimento, 2005).

Curran (2009) caracteriza a literatura de cordel como uma poesia folclórica e popular com traços relacionados à cultura do Nordeste brasileiro: a poesia oral e improvisada, crenças e valores referentes ao povo. Para a História regional ou local, o cordel é uma fonte preciosa para compreendermos a cultura, os costumes e as tradições locais.

Além das dimensões metodológicas e formativas implicadas no ensino de História, esta seção também realça possíveis cooperações interdisciplinares entre a História e a Literatura.

Assim, entende-se o interdisciplinar como a partilha e o diálogo com os saberes construídos na/com a escola. A meu ver, a interdisciplinaridade vincula-se a vários elementos, como as fronteiras disciplinares na educação, as questões do currículo e o trabalho didático-pedagógico (Fazenda, 2008).

Como já dito, a Literatura e a História não são áreas de conhecimento antagônicas, mas complementares, considerando que ambas são fundamentais para compreendermos o mundo e as pessoas que nele vivem. Por isso, a integração entre História e literatura de cordel abre um leque de possibilidades quanto à produção de saberes, métodos e procedimentos analíticos interdisciplinares.

TERCEIRA SEÇÃO

LAMPIÃO NO CORDEL: PALAVRAS E IMAGENS

Nesta seção, analisarei cordéis e xilogravuras dos seguintes poetas: Medeiros Braga (2017), João Firmino Cabral (2009), Manoel D’Almeida Filho (1965), Dila (1978), Antônio Francisco Teixeira de Melo (2013), Severino Inácio (s/d), Antônio Américo de Medeiros (1996), Marcos Medeiros (2010) e Jorge Victor (2009). Objetivo observar como esses autores abordam em seus poemas e xilogravuras a figura de Lampião e avaliar quais as implicações dessas representações para o ensino de História.

3.1 Conhecendo os cordelistas

3.1.1 Poeta: Luzimar Medeiros Braga – Cordel: *Lampião, Rei do Cangaço* (2017)

Segundo o site “Projeto Cordel”, escrito por Valentim Quaresma e Francisco Diniz (2017), o cordelista Luzimar Medeiros Braga, desde os 13 anos de idade, já se identificava com os folhetos de feira. Em 1954, começou a cantar cordéis na feira do povoado onde morava e, ao mesmo tempo, iniciou sua carreira como cordelista. Seu trabalho é marcado pela chamada poesia crítica e abrange temas diversos, como história, ecologia, filosofia, cangaço, movimentos afroindígenas, mulheres guerreiras, entre outros. Até o momento, o autor já produziu 193 títulos.

Figura 5: (a) Cordelista Braga; (b) Capa do cordel *Lampião, Rei do Cangaço*



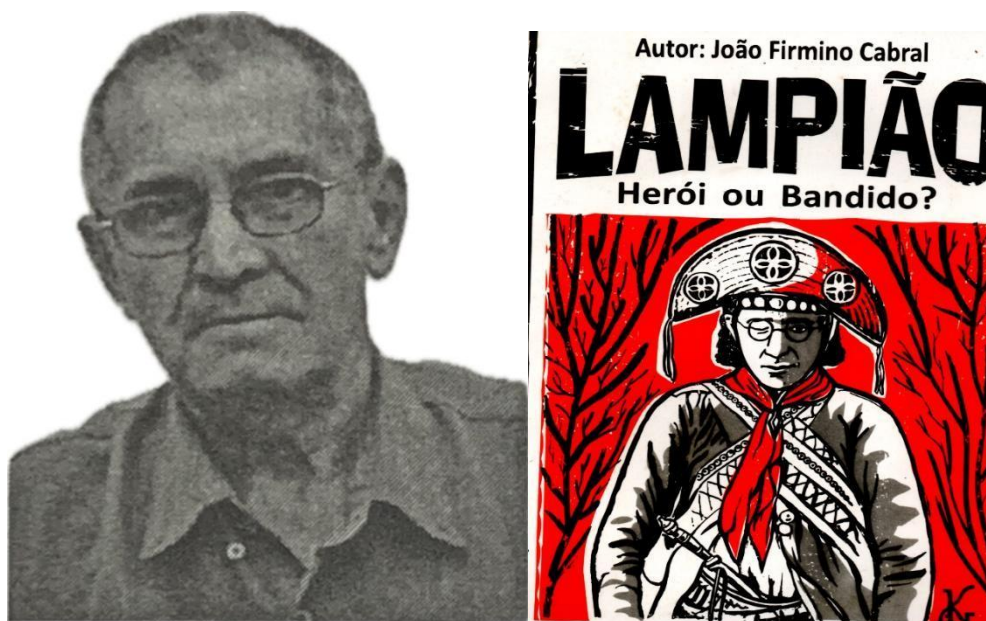
Fonte: (a) Paraíba Criativa (2024); (b) Acervo da autora

Nesta pesquisa, um dos textos estudados é o cordel *Lampião, Rei do Cangaço* (2017), de Braga. Nesse poema, o autor apresenta ao leitor a trajetória de vida e as proezas de Lampião no cangaço, além de discursos e características da Região Nordeste. O interessante é que o poeta narra, de forma minuciosa, a história do cangaço e dos cangaceiros, desde suas indumentárias até a descrição do espaço sertanejo. No decorrer do texto, nota-se uma abordagem saudosista, como nestes versos sobre Lampião: “A história fenomenal. Do gênio da insurreição, o maior desses mortais” (Braga, 2017, p. 7).

3.1.2 Poeta: João Firmino Cabral – Cordel: *Lampião: herói ou bandido?* (2009)

Segundo Pontes (2020), o cordelista João Firmino Cabral é natural de Sergipe, nascido em 1º de janeiro de 1940, na cidade de Itabaiana. Trabalhava desde criança na agricultura, mas ainda jovem demonstrava gosto pelas letras e comprava folhetos de literatura de cordel, os quais chegou a utilizar como cartilha. Começou a ler depois dos 17 anos. Ajudado pelo poeta Manoel D’Almeida Filho, encontrou sua “vocação” poética e escreveu seu primeiro cordel sobre uma profecia do Padre Cícero. Em 2008, tomou posse na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, na cadeira 36, cujo patrono é o poeta Expedito Sebastião da Silva. No dia 1º de fevereiro de 2013, em Aracaju, João Firmino faleceu de leucemia.

Figura 6: (a) Cordelista Cabral; (b) Capa do cordel *Lampião: herói ou bandido?*



Fonte: Acervo da autora

No cordel *Lampião: herói ou bandido?*, Cabral (2009) narra a trajetória do cangaceiro, destacando, em seus versos, “afinidades” entre Lampião e outros personagens históricos.

3.1.3 Poeta: Manoel D’Almeida Filho – Cordel: *Os cabras de Lampião* (1965)

A biografia do cordelista é narrada em seus próprios cordéis. Nascido em Alagoa Grande/PB, em 13 de outubro de 1914, Manoel D’Almeida Filho é considerado um dos principais poetas do Nordeste brasileiro. Jornalista, tipógrafo e revisor, Manoel dedicava-se também à venda de folhetos, livros e revistas.

Figura 7: (a) Cordelista Manoel D’Almeida Filho; (b) Capa do cordel *Os cabras de Lampião*



Fonte: (a) Paraíba Criativa (2024); (b) Acervo da autora

Em suas obras, o autor narra histórias de romances, amor e aventura, retrata a vida no Nordeste e versa contos de cangaceiros e suas trajetórias pelo sertão. Destaco, em especial, *Os cabras de Lampião*, que descreve diversos personagens do cangaço, entre eles homens, mulheres, coronéis, padres e outras personalidades, além de caracterizar a geografia dos espaços onde ocorriam as batalhas e ataques dos cangaceiros.

3.1.4 Poeta: José Soares da Silva (Dila) – Cordel: *Lampião e Maria Bonita* (1978)

Conforme Brasil (2018, p. 125), o poeta José Soares da Silva (conhecido como Dila) também assinava seus folhetos e gravuras com diferentes nomes, a exemplo de “Dila: o marechal do cordel do cangaço”, “Dila Soares da Silva”, “Dila Ferreira da Silva”, “Dyylas Sabóia”, “Dila Sabaó Sabóia”, “José Cavalcanti e Ferreira”, “Dila” ou “Dillas”. Ele ilustrou inúmeros folhetos de sua autoria e de outros poetas.

Figura 8: (a) Cordelista Dila; (b) Capa do cordel *Lampião e Maria Bonita*



Fonte: (a) Ricardo Moura (1997) *apud* Brasil (2018); (b) Acervo da autora

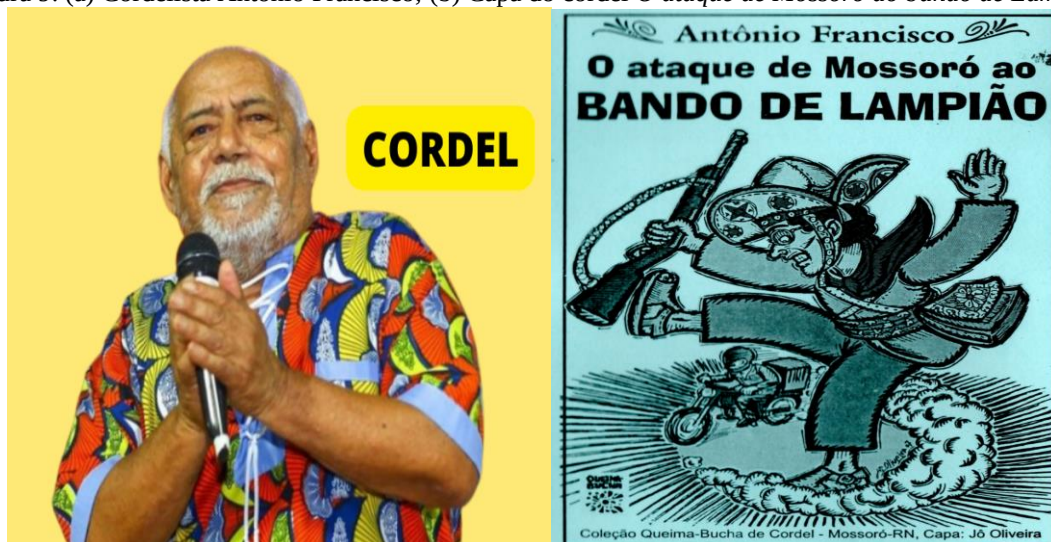
Dila inicia sua história com o cordel ainda adolescente, nas feiras da Paraíba, onde vendia folhetos. Logo cedo, desenvolveu as habilidades de editar e imprimir, e trabalhava nos jornais *Vanguarda* e *Defesa*; posteriormente, abriu sua própria editora. Um dos cordéis do autor analisado nesta pesquisa é *Lampião e Maria Bonita* (1978).

3.1.5 Poeta: Antônio Francisco Teixeira de Melo – Cordel: *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013)

O poeta Antônio Francisco Teixeira de Melo apresenta no cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013) parte de sua biografia. Ele é natural de Mossoró/RN e nasceu em 21 de outubro de 1949. Seus pais são Francisco Petronilo de Melo e Pêdra Teixeira de Melo. Graduiu-se em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e tem vários textos publicados, como os livros *Dez cordéis num cordel só* (2005), *Por motivos de versos* (2012) e *Veredas de sombras* (2012). Ainda, é fundador do projeto “Entre cordas e cordéis”. É um dos membros da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), onde ocupa a cadeira 15, cujo patrono é o poeta Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré (Memórias da Poesia Popular, 2024).

No cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013), o poeta ficcionaliza as vivências de Lampião no sertão, em especial sua invasão à cidade de Mossoró/RN. Às vezes com certo tom saudosista, narra diálogos de Lampião com personagens do cotidiano, mesclando múltiplos aspectos das culturas regionais a partir de cenas do passado e do presente.

Figura 9: (a) Cordelista Antônio Francisco; (b) Capa do cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*



Fonte: (a) Cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013); (b) Acervo da autora

3.1.6 Poeta: Antônio Américo de Medeiros – Cordel 1: *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* (s/d) / Cordel 2: *Lampião e sua história contada em cordel* (1996)

Antônio Américo de Medeiros nasceu no município de São João do Sabugi, no Rio Grande do Norte, em fevereiro de 1930. Compositor, também era contador de histórias, cordelista, folhetista e editor, além de vendedor e precursor de programa radiofônico no RN. Dois cordéis do autor estão sendo utilizados nesta pesquisa: *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* (s/d) e *Lampião e sua história contada em cordel* (1996) (Memórias da Poesia Popular, 2024).

Figura 10: (a) Cordelista Antônio Américo de Medeiros; (b) Capa do cordel *Lampião e sua história contada em cordel*; (c) Capa do cordel *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*.



Fonte: (a) Memórias da Poesia Popular (2024); (b e c) Acervo da autora

Medeiros começou sua trajetória como artista ainda cedo, cantando seus próprios versos ao som da viola e divulgando seu trabalho por todo o Nordeste como cantador profissional. Ele publicou diversos trabalhos, entre eles as duas obras utilizadas nesta dissertação: *Lampião e*

sua história contada em cordel (s/d) e *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*. Morreu em março de 2012 (Memórias da Poesia Popular, 2024).

Em seus trabalhos, o poeta costumava descrever Lampião como um personagem mitificado no sertão nordestino, representante do cangaço e sua identidade, um homem forte, bravo e considerado “rei” (Memórias da Poesia Popular, 2024).

3.1.7 Poeta: Severino Inácio – Cordel: *Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró* (s/d)

Severino Inácio nasceu no município de Caraúbas, no Rio Grande do Norte, em 9 de outubro de 1949, filho de Inácio Virgínio de Medeiros e Maria Bezerra de Medeiros. A partir de janeiro de 1977, ele se mudou definitivamente para Mossoró/RN, onde reside até o presente momento. O autor ocupa a cadeira 22 da Academia Mossoroense de Literatura de Cordel (AMLC), cujo patrono é Boaventura de O. Brito (Severino Inácio, s/d).

Figura 11: (a) Cordelista Severino Inácio; (b) Capa do cordel *Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró*



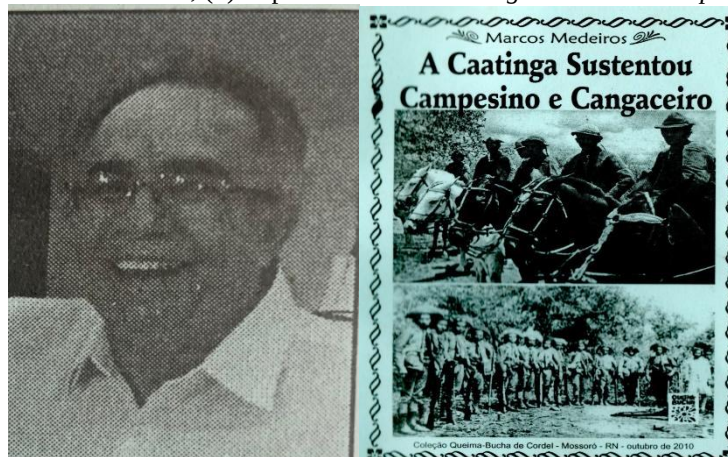
Fonte: Acervo da autora

Além de cordelista, Severino ainda é poeta, violeiro e repentista. Escreveu diversas obras durante sua vida, entre as quais podemos citar o cordel *Lampião queimou fama no fogo de Mossoró*, onde narra o famoso ataque malsucedido do cangaceiro Virgulino à cidade de Mossoró/RN (Severino Inácio, s/d).

3.1.8 Poeta: Marcos Medeiros – Cordel: *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro* (2010)

No cordel *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro*, o poeta e escritor Marcos Medeiros (2010) informa que nasceu em Natal, capital do Rio Grande do Norte, em 12 de setembro de 1953, e passou boa parte da infância e adolescência em Santana do Matos/RN, onde permaneceu até concluir a educação básica.

Figura 12: (a) Cordelista Marcos Medeiros; (b) Capa do cordel *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro*



Fonte: Acervo da autora

Biólogo de formação, Medeiros explora em seus cordéis a diversidade do bioma Caatinga e descreve sua abundância e potencialidade. Leiamos alguns versos do poema *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro* (2010, p. 1-2):

*Fauna e flora da caatinga
Têm valor pro beradeiro.
Servindo como alimento,
Ou de remédio caseiro.
Sempre foi grande riqueza,
Sustentando, com certeza,
Campesino e cangaceiro.
[...]
Pelo Sol tão causticado,
O sertanejo sofrido,
Foi buscar no xique-xique
O alimento requerido.
E fez doce do facheiro,
Enquanto que o cangaceiro,
Assaltava qual bandido.*

Professor por opção, lecionou em várias escolas públicas e privadas da capital potiguar e trabalhou em várias cidades do interior do estado. Atualmente, é membro da Academia de Trovas e da Associação Estadual dos Poetas Populares do Rio Grande do Norte. É autor de

várias obras, entre livros e cordéis, com destaque para *Universo encantador da Biologia* (2005), *Vários tons da Genética* (2007), *Apologia das plantas* (2008), *A dança dos cromossomos* (2010), além do folheto *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro* (2010), utilizado nesta pesquisa.

3.1.9 Poeta: Jorge Vittor – Cordel: *O Cangaço, sua Origem e os Bravos Cangaceiros* (2009)

Jorge Vittor nasceu em Belo Horizonte e viveu boa parte de sua vida no Estado do Rio de Janeiro. Nascido em uma família de fotógrafos, J. Vittor estudou pintura acadêmica no Liceu de Artes do Rio de Janeiro, e música na Escola de Música Villa-Lobos. Artista plástico e designer, o poeta foi responsável pelo projeto gráfico de inúmeras peças da Editora Queima-Bucha como capas de cordel e livros (Vittor, 2009).

Como pintor, encontrou uma linguagem própria a partir da transformação e reinvenção de fotografias. Como cordelista, escreveu diversos poemas, entre os quais destaco: *Discussão de Pelé com Maradona* (s/d), *Quilombolas: a revolta dos escravos* (2006), *O Golpe (1964-1985)* (2005), *ABC da Música* (2007), *O Cangaço, sua Origem e os Bravos Cangaceiros* (2009) (Editora Rovel, s/d; Vittor, 2009).

Figura 13: (a) Cordelista Jorge Vittor; (b) Capa do cordel *O Cangaço, sua Origem e os Bravos Cangaceiros*



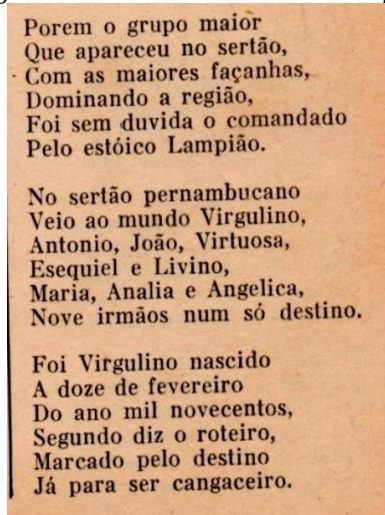
Fonte: (a) Rovel Editor (s/d); (b) Acervo da autora

Os autores elencados trazem elementos significativos a respeito do cangaço, dos cangaceiros, de Lampião, do sertão, dos sertanejos e do Nordeste em seus poemas. Embora poetizem esses eventos e sujeitos, tais narrativas podem ser usadas no ensino de História.

3.2 Lampião: entre biografia e invenção

Início a biografia de Lampião a partir das palavras dos cordelistas e de como estes representam seu nascimento e trajetória de vida. Começamos pelo texto de D’Almeida Filho (1965, p. 1):

Figura 14: Cordel – *Os cabras de Lampião*



Porem o grupo maior
Que apareceu no sertão,
Com as maiores façanhas,
Dominando a região,
Foi sem duvida o comandado
Pelo estóico Lampião.

No sertão pernambucano
Veio ao mundo Virgulino,
Antonio, João, Virtuosa,
Esequiel e Livino,
Maria, Analia e Angelica,
Nove irmãos num só destino.

Foi Virgulino nascido
A doze de fevereiro
Do ano mil novecentos,
Segundo diz o roteiro,
Marcado pelo destino
Já para ser cangaceiro.

Fonte: Acervo da autora

Entre tantos epítetos atribuídos ao cangaceiro Lampião, problematizarei alguns enredos dos cordéis que o tratam como personagem da História. De fato, em muitos escritos da literatura e nos contos populares em geral, atribuem-se a Lampião designações como: “lenda no sertão”, “mito”, “cangaceiro”, “bandoleiro”, “perverso”, bem como “cão, cruel e vaidoso”. Nesta dissertação, porém, minha intenção é discutir e desconstruir representações, apresentando, como Catunda (2014, p. 4-16), imagens da história de Lampião que o narram, por exemplo, como homem de família apaixonado por sua companheira:

4
Quando eu inda morava
No meu rincão nordestino
Nas conversas das calçadas
Citava-se Virgulino
O capitão cangaceiro
O temido bandoleiro
Causador de desatino.

*Carregou Maria Déia
Dela fez sua companheira,
Com ela cantou, dançou
Ao som da mulher rendeira
Tiveram a mesma sorte
Viveram até a morte
Uma paixão verdadeira.*

Já Cadó (2022, p. 23-24) observa as representações de Lampião pelo viés histórico, sem tanta preocupação em adjetivar, mas atento à produção de estereótipos relacionados à imagem do cangaceiro, que geralmente são “[...] caracterizados pelas lendas e mitos que envolvem suas ações”, inclusive na literatura de cordel, responsável em grande medida pela “constituição de uma identidade regionalista”.

9
*Nos dedos muitos anéis
Enfeitavam sua mão
No pescoço medalhinhas
Penduradas no cordão
O lenço em vez da gravata
Tinha ouro e tinha prata
Enfeitando Lampião.*

10
*Usava lenço de seda
Porque tinha algum requinte
Amava a fotografia
Não era nenhum acinte
A vaidade era normal
Ajudava o visual
No bom gosto possuinte.*

Ainda sobre a identidade regionalista, Ramos Filho (2018) argumenta que são muitas as ramificações entre imaginário e identidades regionalistas. O autor defende que há uma relação entre os imaginários sociais sobre o Nordeste e a invenção de uma identidade nordestina, um mito. Em suas palavras:

No terreno das forjadas identidades regionais, a memória do cangaço apropriada como elemento que concede sentido à temporalidade nordestina é o que chamamos de mito nordestino. As representações do cangaço compósitas desse quadro foram produzidas tanto no tempo do fenômeno quanto posterior à experiência. Assim, torna-se possível historicizar diferentes contextos ao longo do século XX, apresentando indícios de produções culturais que, em geral, debruçaram-se no assunto para identificarmos alguns paradigmas de explicação em que se basearam, principalmente na perspectiva do binômio nacional-popular, por operarem vários tipos de regionalismo na construção simbólica da nação/região/localidade, e que demarcam de modo amplo tal imaginário nordestino [...] (Ramos Filho, 2018, p. 155-156).

Esse tipo de indagação também é feito pela cordelista Catunda (2014, p. 4-16), que se refere à mitificação do personagem Lampião. Lê-se nos versos da autora:

14

*Querem derrubar o mito
Desconstruir Lampião
O cangaceiro perverso
Que assombrou o sertão
E fez tanta crueldade
Por toda sua maldade
Fora comparado ao cão*

15

*Sujeito igual Lampião
Jamais será lamparina
A saga do cangaceiro
Não se fez com vaselina
E sim com dedo treinado
No gatilho colocado
Na mira da carabina.*

16

*Meu caro vou lhe dizer
Segredo não peço não
É fácil falar de quem
Hoje é só pó no caixão
Isso é pura sacanagem
Queria ver ter coragem
Diante de Lampião.*

Como já dito nesta dissertação, Lampião deve ser analisado como sujeito da História. Mas como este sujeito histórico-social é visto nas aulas de História? Espera-se que o estudo do cangaço e da história de Lampião não se faça exclusivamente com base no uso do livro didático, mas que recorra a diversos tipos de fontes, inclusive a literatura de cordel. Com isso, acredita-se que os discentes também farão, de modo crítico, suas próprias indagações sobre o passado, suas figuras e movimentos.

3.3 Lampião e o cangaço em poemas e xilogravuras

Antes mesmo de folhear um livro, reparamos em seu design. A capa do livro, a depender de como é ilustrada, já é um convite à leitura. No caso desta pesquisa, cujo objeto é a literatura de cordel, uma xilogravura é, sim, um chamado a conhecer a história narrada no folheto. Para analisar as representações de Lampião nas capas dos folhetos, observarei com atenção as xilogravuras que estampam as capas dos cordéis em análise (ver Figura 15).

Figura 15: Capas dos cordéis analisados



Fonte: Acervo da autora

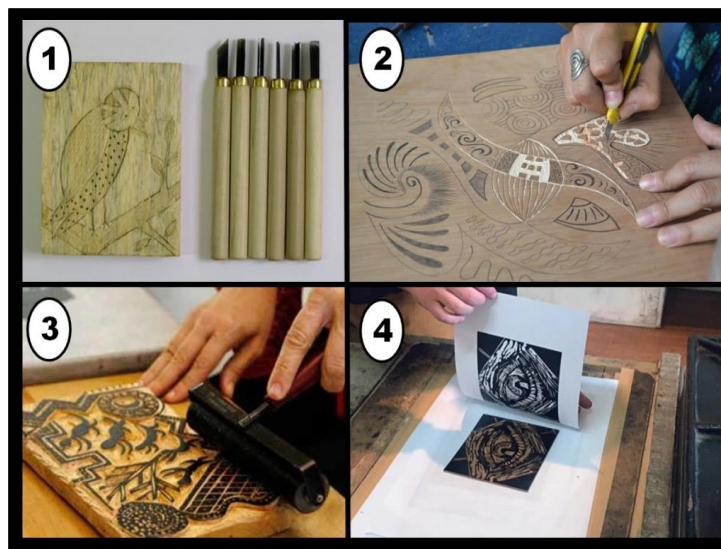
Na primeira imagem da esquerda para a direita, temos uma capa que mostra Lampião e Maria Bonita e cuja autoria é de Dila (1978). Neste folheto, o autor versa a vida de Lampião e apresenta ao leitor um riquíssimo acervo de xilogravuras. A segunda capa estampa o título *Lampião: herói ou bandido?*, poema de Cabral (2009). Nele, tece-se uma escrita com elementos da vida de Lampião no cangaço, enfatizando os modos como sua figura é representada pela sociedade: ora como herói, ora como bandido. A terceira capa traz o folheto *Lampião, Rei do Cangaço*, de Braga (2017). No poema, o autor explica o que é o cangaço e depois situa o personagem Lampião no movimento. Na quarta capa, do cordel *Os cabras da peste*, de D'Almeida Filho (1966), narra-se o legado de Lampião e seu bando. A quinta capa é do folheto *Lampião e sua história contada em cordel*, de Medeiros (1996), no qual há versos, xilogravuras e fotografias que enriquecem o poema. Já o sexto cordel é *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*, de Antônio Francisco (2013), no qual o poeta narra o episódio em que a cidade potiguar expulsou o bando de Lampião. O sétimo poema é *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró* (s/d), no qual Antônio Américo de Medeiros enaltece a cidade de Mossoró por ter expulsado Lampião e seus homens. No oitavo cordel, *Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró*, do autor Severino Inácio (s/d), há as memórias dos moradores da cidade de Mossoró/RN, orgulhosos por terem expulsado os cangaceiros. A nona capa é do cordel *O Cangaço, Sua Origem e os Bravos Cangaceiros* (2009), de Jorge Victor; neste folheto, há um diálogo entre versos e xilogravuras para caracterizar o cangaço e os cangaceiros. A última capa é do cordel *A Caatinga Sustenta Campesinato e Cangaceiro* (2010), de Marcos Medeiros, no qual o autor descreve as riquezas do sertão e mostra como o sertanejo “se vira” com a fauna e a flora do Nordeste.

Além dos textos dos cordéis, analisarei as xilogravuras dos folhetos. Sobre a arte da xilogravura, Souza (2020, p. 24) afirma que as ilustrações do cordel vêm ganhando espaço e popularização em práticas pedagógicas e pesquisas sobre Ensino. A xilogravura é uma técnica

artística que dá forma às ilustrações de muitos cordéis, especialmente em suas capas. As representações são gravadas na madeira, emoldurando as figuras que serão impressas. As partes em relevo na madeira recebem uma camada de tinta que é prensada no papel, dando vida a imagens a partir de uma pintura feita à mão (Suzuki, 1988).

Na Figura 16, podemos observar as etapas de produção de uma xilogravura: primeiro, temos a construção de um desenho; depois, seu entalhe na madeira; em seguida, o entintamento do desenho; e, finalmente, a impressão da figura. Vejamos:

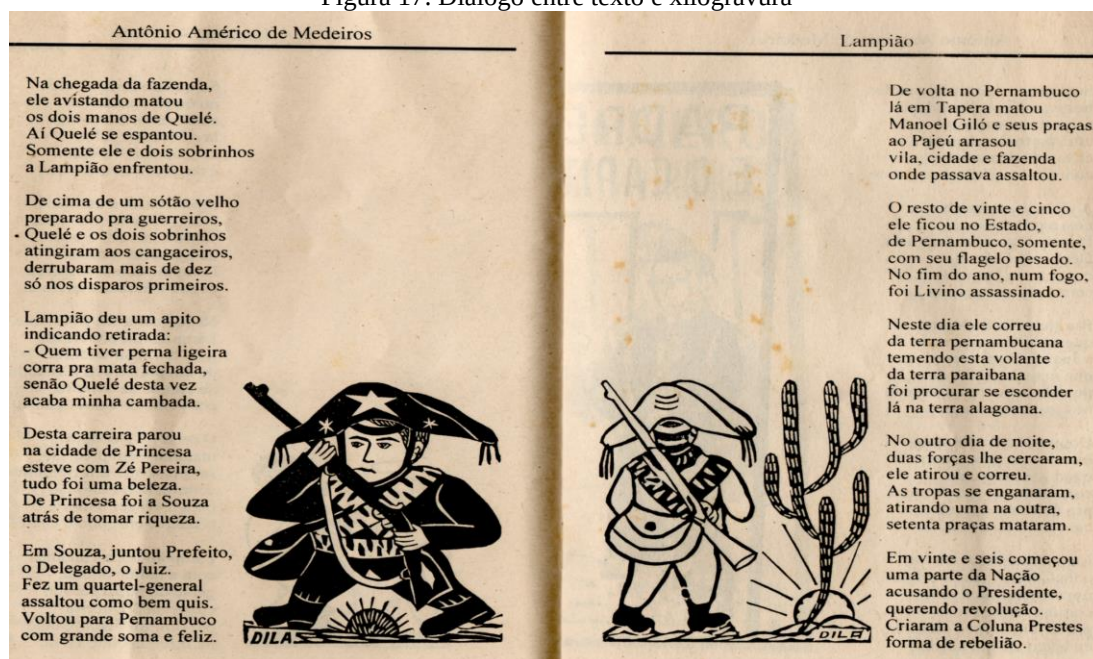
Figura 16: Etapas da produção da xilogravura



Fonte: <https://rodriguesdorea.files.wordpress.com/2020/07/passos-xilogravura.jpg?w=1024> (2020)

Sobre a xilogravura, Souza (2020) a define como uma expressão artística, uma arte independente, capaz de demonstrar o que está sendo retratado no texto, uma amostra do que pode ser o texto. Ao observar um texto com imagens, o leitor passa os olhos pela página e relaciona-as à representação da história, como se ligasse as letras às cenas. O leitor lê as palavras, mas também observa as imagens.

Figura 17: Diálogo entre texto e xilogravura



Fonte: Medeiros (1996)

As ilustrações postas em meio aos textos escritos não devem ser compreendidas como partes coadjuvantes. Pelo contrário, considero que as imagens são partícipes ativas do processo de assimilação do conteúdo. Nem o texto escrito, nem as ilustrações são marginais. Ambos têm seu protagonismo e um contexto histórico a ser analisado.

De acordo com Souza (2011), a xilogravura é utilizada no Nordeste desde 1899, com a publicação dos cordéis do poeta Leandro Gomes de Barros. Souza (2011, p. 14) também descreve a importância dessa técnica de ilustração a partir do trabalho de Dila, marcado por “personagens míticos do cotidiano, a cultura nordestina, retratando os retirantes e a seca, assim como o cotidiano desse povo, as festas populares e folclóricas, romances, temas religiosos e até a fauna e flora”.

Na Figura 18, do cordelista Dila (1978), podemos observar um cenário marcado pelo simbolismo de elementos que envolvem os personagens Lampião e Maria Bonita. Nas imagens, aparecem a vegetação semiárida, o cacto – que, para muitos nordestinos, representa a possibilidade de sobreviver à seca – e o chapéu, que talvez mimetize a fuga do sol escaldante. Podemos até enxergar a prosa entre Lampião e Maria Bonita enquanto contemplam o Sol.

Figura 18: Representações de xilogravura – Lampião e Maria Bonita no Nordeste brasileiro



Fonte: Dila (1978)

A xilogravura parece saltar aos olhos e chamar o leitor para uma prosa imagética. Isso sugere a força da representação xilográfica, ou seja, dos detalhes que vão além dos signos e propõem novos sentidos. Sobre o ato de ler imagens, Santaella (2012, p. 10) explica que:

[...] aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade.

A arte de Dila trazida no cordel de Medeiros (1996, p. 3) refere-se à cultura nordestina. O leitor passa os olhos pela imagem e facilmente localiza o vaqueiro, entre o cansaço e a esperança, dialogando com o chão que recebe suas pisadas e forma a paisagem com o cacto e os passos do animal à frente (ver Figura 19).

Figura 19: Representação de um vaqueiro no cordel de Medeiros (1996)



Fonte: Acervo da autora

No cordel de Dila (1978), uma marca presente é a representação artística do espaço nordestino, onde podemos encontrar o cacto que aparece exuberante à frente de Lampião, gigante e forte como sua versão em xilogravura.

Figura 20: Representação de Lampião no cordel de Dila (1978)



Fonte: Acervo da autora

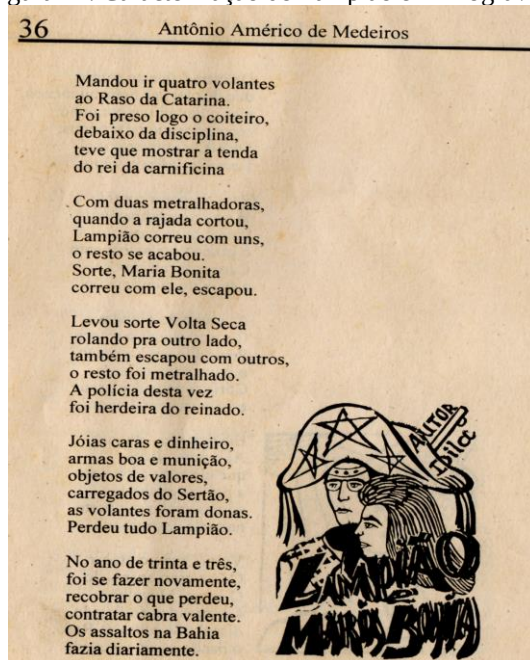
Na xilogravura, caracteriza-se a figura de Lampião de forma que o leitor, ao ler o texto e a imagem, de certo perceberá o semblante, a vestimenta e os acessórios que sugerem um passado historicamente representado.

Conforme Burke (2004), uma das funções das imagens é testemunhar, pois elas podem revelar detalhes de procedimentos “enigmáticos”, como a escrita e a impressão. Em todo caso, faz-se necessária a crítica das fontes, incluindo a comparação dos acontecimentos às suas representações imagéticas. Em um exemplo citado por Burke (2004, p. 104), ele explica: “[...] os historiadores urbanos frequentemente utilizam pinturas, impressos e fotografias para imaginar e possibilitar que seus leitores imaginem a antiga aparência das cidades - não apenas os prédios [...]”. O trabalho é minucioso, detalhista, e poderá compor e combinar várias imagens.

No caso das xilogravuras, estas ambientam o contexto das paisagens mencionado por Burke (2004). Assim, ao transitar no texto, o leitor deverá mobilizar a interpretação pelo olhar

a fim de que se detenha nos diferentes traços e sentidos das imagens. No texto de Medeiros (1996), podemos ir além da narração do episódio da volante buscando o bando de Lampião e ver que, por meio do traçado da xilogravura, destaca-se a representação do famoso cangaceiro e sua companheira, talvez correndo ou mesmo cumprimentando a polícia volante. A “certeza” do significado só será possível se compararmos fontes históricas (ver Figura 21).

Figura 21: Caracterização de Lampião em xilogravura



Fonte: Acervo da autora

A imagem acima deve ser observada com cuidado e sensibilidade criativa. Santaella (2012, p. 18) chama atenção para a observação das camadas das imagens. Todas as imagens têm suas camadas, ela explica: “subjetivas, sociais, estéticas, antropológicas e tecnológicas. Todas as camadas estão contidas no interior da própria imagem”.

Cada camada se insinua e provoca o leitor a continuar enxergando para além do visto. Os aspectos físicos da imagem não informam tudo, somente uma parte do todo. As camadas dão extensão às imagens. Ver por ver não é ler as imagens. Será preciso absorver o conteúdo visual e *ruminá-lo*, interpretando dizeres, elucubrando possibilidades e criando contingências. Observemos que não são apenas as páginas interiores do cordel que são chamativas. A sedução do olhar e o convite à leitura iniciam-se pela capa dos folhetos.

Estratégias sobre o uso da Literatura e da História para compreender o passado local são discutidas por Santos (2018, p. 13-14). Vejamos:

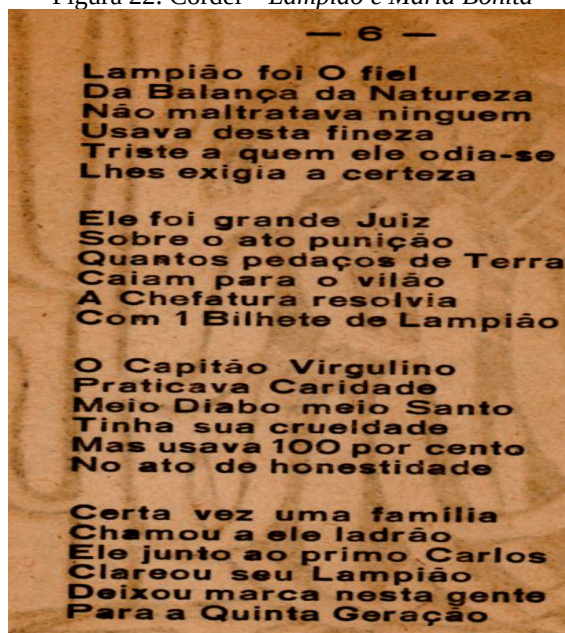
É possível perceber, a partir dos textos pesquisados, a proximidade do cordel com a realidade daqueles que o produziam, englobando assim não somente aspectos da vida cotidiana, mas também elementos sociopolíticos muito importantes dentro da sociedade nordestina do início do século XX [...] [Para] analisar o cenário do cordel enquanto gênero literário e cogitar o seu possível uso como ferramenta para o ensino de história é preciso aceitar que além da história oficial descrita nos livros didáticos, há também uma história construída a partir das experiências das massas populares através de sua atuação enquanto sujeitos históricos no ambiente em que estão inseridos.

Quero ratificar a importância da literatura de cordel para além de um “acervo de folhetos ou narrativas”, uma vez que a considero uma arte que conforma diversas linguagens, amplia interpretações e (re)leituras do passado-presente, além de ser fonte de pesquisa e ensino.

Destaco ainda a importância da formação docente para a qualificação de professores capazes de compreender as imagens menos como mera ilustração, mais como documento, texto a ser lido. Nas xilogravuras do cordel, repousam detalhes, informações que podem ajudar a História na composição de narrativas.

Além da representação do cangaço, da resistência e da memória, há outros saberes que os cordelistas guardam: a entonação e a emoção do canto-declamação, por exemplo, insinuam uma forma de dizer e apresentar a narrativa, a qual podemos chamar de *representação intencional* no plano do discurso. Melo (2022) argumenta que o discurso é marcado por intenções, pois este é um acontecimento, uma prática autoral, estruturada, regrada, passível de apropriações. Observemos este trecho do cordel *Lampião e Maria Bonita*, de Dila (1978, p. 6):

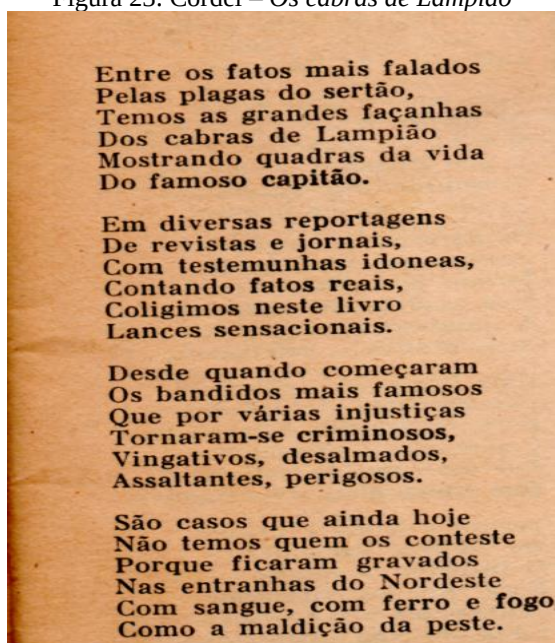
Figura 22: Cordel – *Lampião e Maria Bonita*



Fonte: Acervo da autora

Alguns dos relatos mais comuns nos cordéis são os que tratam de Lampião no cangaço e das memórias populares em contos e recontos. Segundo alguns cordelistas, como Manoel D’Almeida Filho (1965, p. 3), as “proezas” de Lampião representam um dos acontecimentos mais relatados nas histórias do sertão nordestino. Tais eventos e lembranças são fontes ricas de inspiração para os poemas e as xilogravuras. Os desenhos, as gravuras e os textos tecem juntos o sujeito ficcional, mas também histórico, Lampião.

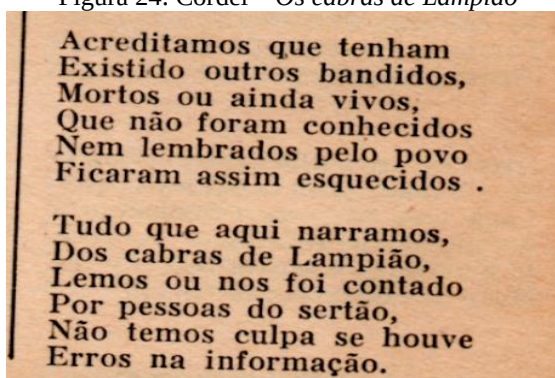
Figura 23: Cordel – *Os cabras de Lampião*



Fonte: Acervo da autora

Se o personagem Lampião é, de fato, herói ou bandido não me preocupa. Estou aqui discutindo suas representações nos poemas e xilogravuras e como estas podem ser problematizadas no ensino de História. Isso porque não me interessa distribuir adjetivos e reafirmar estereótipos que o idealizam ou o demonizam, mas enfatizar sua condição de personagem da História, como tantos outros, esquecidos ou simplificados, e realçar a importância do seu estudo crítico na sala de aula, nos livros didáticos e outros objetos/espacos didático-pedagógicos.

Figura 24: Cordel – *Os cabras de Lampião*



Fonte: Almeida Filho (1965, p. 3)

Nesse sentido, discuti ao longo desta pesquisa as potencialidades da literatura de cordel e das xilogravuras para o ensino de História, como compreender as narrativas históricas, acessar diferentes representação de Lampião e estreitar a relação entre ficção e realidade.

3.4 Literatura de cordel: Lampião no Ensino de História.

O cordel é um leque de oportunidades metodológicas e de ensino e, cabe ao professor (a) e ao aluno (a) utilizar das várias discussões históricas, a começar pelo entendimento do passado, “[...] pode-se dizer que, para a literatura, a veracidade se encontra na busca contextualização (Pesavento, p, 11, 2000).

O imaginário contado por Melo (2022, p.35) e o trato com a arte literária passa pelo compasso dos aspectos da recuperação e conservação que muitas vezes é um sonho, mas confrontar e analisar com rigor a literatura, que deve ser lida, estudada, proporgada, experimentada e recriada com bravura, originalidade, justeza e amorosidade ética, no espaço universitário e externo (Melo, 2022).

A literatura de cordel está enredada em uma teia espessa de signos linguísticos e semióticos inventados para identificar o Nordeste com certos significados, e não outros, dadas representações, e não outras. Quando se fala em cordel, somos transportados quase de imediato para um mundo de imagens míticas e fantasiosas, um Nordeste “medieval”, ruralizado, onde convivem princesas, reis, cangaceiros, padres, espertalhões, animais encantados, sertanejos, donzelas e cavaleiros. Logo lembramos das xilogravuras, do parco letramento dos poetas que declamam suas criações de feira em feira, do sertão “pegando fogo” e da caatinga mortificada, do pobre galhofeiro, miserável ou resignado, de folhetos impressos precariamente. Professamos nossa admiração, entre a complacência e o exotismo, por essa tradição “resistente” ao tempo. Apressamo-nos em associar o cordel à reprodução da misoginia, do racismo, dos padrões cisheteronormativos e de posições políticas alienadas – um conjunto de debilidades inerentes à “mentalidade” do povo, vítima da pobreza material e intelectual. É uma verdadeira armadilha mitológica em ação, devidamente desenhada, inculcada e repisada no imaginário social brasileiro (Melo, 2022, p.35).

A História abre-se a novas interpretações, permitindo que os discentes realizem diferentes operações de associação e compreensão entre passado e presente, de forma que o trato com as fontes históricas seja a envolver o processo de ensino e aprendizagem.

No processo de produção do conhecimento histórico podemos e devemos assumir possibilidades de ampliar a “[...] leitura das distintas temporalidades às quais estamos submetidos”.

O cordel, de modo geral, tematiza muito a realidade e o cotidiano das pessoas, trata do imaginário popular com ênfase nos problemas sociais e aciona elementos que, não raro, passam despercebidos por aqueles que escrevem a história dita oficial. Essas qualidades fortalecem fontes históricas orais e literárias, que corroboram discursos das camadas populares de forma a propagar suas experiências

Ao discutir sobre a literatura de cordel e sobre o ensino de história devemos também passar os olhos pela história metodológica, representativa e interpretativa, sem deixar de fora a história do cangaço e da figura do personagem Lampião. Afinal, o uso do cordel pode potencializar o entendimento do passado, de forma interdisciplinar e articulada com os saberes históricos e literários.

3.5 Ler Literatura, ensinar História

A partir dos cordéis, é possível problematizar os sujeitos sócio-históricos? Os cordéis podem ser fonte de ensino? Mais particularmente: como Lampião é representado nas xilogravuras dos folhetos de cordéis?

Há uma diversidade de debates sobre o ensino e, especificamente, sobre o ensino de História, sobretudo envolvendo o chamado método tradicional, os estudos sociais e as tendências curriculares atuais. De início, o ensino de História estava preocupado com o “estudo dos fatos”, propunha-se “neutro” e focava apenas no passado. Posteriormente, veio a interdisciplinaridade, que é a relação entre as ciências sociais (História, Antropologia e Sociologia) com foco no estudo das sociedades ao longo do tempo. Já as tendências atuais incluem a história de todos os homens e suas colaborações historiográficas (Schmidt e Cainelli, 2009).

Ensinar-aprender História a partir das rupturas e continuidades pode trazer resultados positivos para a compreensão de momentos históricos diferentes, como favorecer algumas habilidades: “descrever, enunciar, comparar, estabelecer relações, diferenciar, lidar com realidades diversas, valorizar diferenças culturais etc.” (Zucchi, 2012, p. 82).

Uma das críticas presentes nesta pesquisa situa as dificuldades quanto à leitura crítica. Quando pouco se lê, ou quando se lê mas não se compreende em profundidade, o entendimento é limitado. O mal direcionamento das atividades nas escolas, por exemplo, pode contribuir para aprofundar esse tipo de problema, como explica Matos (2019, p. 5): “O pouco ou mau uso do texto literário em sala de aula não tem contribuído para a formação de leitores críticos e proficientes”.

O mau uso da leitura na disciplina de Língua Portuguesa também repercute no ensino de História, inclusive porque o discente é partícipe de todas as áreas de conhecimento. A literatura de cordel, nesse sentido, pode colaborar nos processos de ensino da leitura e formação de leitores. Lacerda e Menezes Neto (2010, p. 219) argumentam que o cordel:

[...] devido ao seu caráter de poesia rimada e de fácil entendimento, pode se apresentar como um ponto de partida para que muitas crianças, adolescentes e jovens tenham mais contato com a leitura e com a escrita, problemas sempre abordados por professores, tanto do ensino Fundamental como do Médio, quando se trata de apontar dificuldades para o ensino de História.

A criticidade é um elemento importante no ensino, pois conduz à problematização de saberes e ao aprofundamento destes pela comparação, pela pesquisa, pela análise das fontes históricas. Um ensino crítico permite que se averiguem as perguntas e as respostas que surgem no processo de ensino-aprendizagem. No ensino de História, essa criticidade pode ser “feita e refeita diariamente por professores, alunos e pesquisadores” (Zucchi, 2012, p. 55).

Sim, é possível utilizar o cordel no ensino de História para apresentar temas históricos em diálogo com os textos literários (Ferreira Júnior, 2020). Diversas são as possibilidades de ensinar História a partir de textos não historiográficos, como os poemas de cordel. Ferreira (2017) defende o uso do cordel nas aulas de História como metodologia de ensino que dialoga com as experiências culturais, os múltiplos conceitos históricos e os sentidos das identidades, alteridades e diferenças no tempo.

Matos (2019, p. 5-6) lembra que os docentes devem rever o trabalho com leitura em sala de aula, ampliar as ações pedagógicas de interpretação textual e favorecer a autonomia e a criticidade nas práticas de leitura, a fim de ampliar a interpretação do texto. Assim:

O trabalho com o texto literário na sala de aula é indispensável na formação do nosso aluno, porque ele enseja um contexto de aprendizagem que abrange o conhecimento estético, cultural, social e artístico, despertando o senso crítico. Dessa forma, é de fundamental importância que ações pedagógicas voltadas para a formação do leitor sejam desenvolvidas.

Discorrer sobre ensino e conhecimento histórico implica entender que estes não fluem de forma individual, mas em relação com os sujeitos. História e ensino não são domínios estáveis e tampouco sem ação. Antes, são artes que provocam, conforme Tamanini (2021, p. 9):

[...] alunos e professores continuem a fazer do ensino uma arte, cheia de encantos e desafios, que faça pensar, provocar instabilidades, levantar questionamentos. Acredito que o ensino seja a arte da provocação e sempre inclinada a revolver o estabelecido, o pronto, o costumeiro e que, a partir do remexido, possa semear o novo! Acredito que conhecimento resulte na desmontagem das mesmices de linhas de raciocínios já purulentas. O ensino é a arte da cura, enxugamento das feridas capaz de refazer e reconstruir a essência humana de alunos novos para um mundo em constante ebulição. Acredito que os atuais professores possam também olhar ávida e respeitosamente para o passado e beber dos exemplos já vividos e experimentados de seus antecessores.

Como explicado por Tamanini (2021), a arte do ensino é a prática, é o cotidiano onde os sujeitos da educação vivem o ato de aprender, onde o conhecimento se entrelaça às experiências dos que ali ensinam-aprendem. De fato, o ensino está enredado à prática pedagógica, mas também à pesquisa, ao fazer artístico e outros campos da atividade humana, como propõe Melo (2022, p. 23):

Não há conhecimento apartado de pedagogias e didáticas, sem modos de ensinar e aprender como perguntar ao mundo e como ouvir o que ele nos pergunta, como empreender sobre o real uma leitura crítica e inspirada, sabedora da sua incapacidade de explicar tudo, mas animada pelo desejo de melhor compreender os textos da vida, de vazar realidades. Às vezes, esquecemos (ou ignoramos) que não existe pesquisa sem ensino e que os saberes científicos, filosóficos e artísticos configuram formas de educar e viver exatamente porque podem ser ensinados e aprendidos, incorporados às tramas sociais e aos repertórios culturais dos indivíduos, diluídos em seus sonhos, quereres, cotidianos, impasses, reveses e temores.

Os modos de ensinar e as metodologias que se utilizam podem fazer a diferença na formação do pensamento histórico. Uma das perguntas que busquei investigar foi como estudar a figura de Lampião no ensino de História a partir de poemas e imagens (em especial, xilogravuras) da literatura de cordel. Reforço: uma das possibilidades é analisar o cordel, um texto literário, também como documento histórico, que pode e deve ser comparado a diferentes tipos de fontes, nas quais buscamos informações a respeito do passado (Zucchi, 2012).

No caso do cordel, podemos lê-lo de forma crítica, de modo que o leitor observe como eram os registros escritos em diferentes épocas, por exemplo. Importante destacar que a Literatura não está preocupada em abordar o passado “cientificamente”, mas a partir de perspectivas éticas e estéticas. Cabe aos historiadores, aos professores de História, problematizar a análise histórica, inclusive dentro dos próprios textos literários (Zucchi, 2012).

Por fim, argumento que o uso do texto literário, junto às xilogravuras, amplia a compreensão histórica e crítica do aluno. Estes, trabalhados em conjunto, podem favorecer o estudo de personagens emblemáticos do passado, como Lampião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trilhar nos versos do cordel é cantarolar histórias do sertão, é conhecer contos relatados por alguém que caprichou nas rimas e também pesquisou a respeito do tema – mesmo nos casos de anedotas, histórias de assombração, narrativas fantasiosas etc. Não pense que o (a) cordelista, para produzir seus poemas, não investiga e não entra em contato com fontes históricas. Sim, o(a) poeta manuseia com suas mãos os documentos, ouve relatos sobre o tema que versa e até busca mais fontes para melhor escrever.

Os poetas são também pesquisadores, que releem ou folheiam e vão a campo estudar o personagem que escrevem, a poesia não folherece do nada, essa escrita é criada da inspiração e de experiências orientadas na pesquisa. Para tanto, falar do personagem Lampião, passa pelo crivo de várias leituras a textos e imagens deste. De certo, os poetas passa os olhos numa boa prosa de cordel, escutam uma bela canção no dedilhar de uma viola, ou ainda observam atentamente uma xilogravura do Nordeste e do Lampião.

Ao encontrar diferentes fontes, o(a) escritor(a) tece seus versos e organiza-os de forma que o leitor fique encantado pela história narrada e, possivelmente, compre o seu cordel. A escrita literária vale-se do encantamento produzido pela articulação entre rima, prosa e enredo.

Relembro que a preocupação do (a) cordelista não é narrar os acontecimentos “tal qual” sucederam no passado, pois esta tarefa é difícil até para os historiadores. Os mestres da arte do cordel estão preocupados, na verdade, com a rima bem feita, com a “oração” do poema escrito. Outra preocupação é com as ilustrações: serão xilogravuras, impressões, zincogravuras etc.? Essas nuances são, de fato, as questões primárias do (a) cordelista.

Mas, afinal, como a literatura de cordel, objeto rico em detalhes, pode ser analisada nas aulas de História, disciplina interessada nas “provas” dos acontecimentos, que recorre a várias fontes, compara as “verdades” sobre o passado e relaciona-as com o presente? Como uma escrita ficcional, não raro fantasiosa, pode auxiliar a compreensão do passado?

Essas são algumas das perguntas que tentei responder neste trabalho. Por exemplo: uma das possibilidades de usar o cordel nas aulas de História é considerá-lo como recurso metodológico, uma vez que em suas narrativas podemos encontrar representações e características das sociedades passadas.

Outro aspecto a destacar é que as especificidades dos saberes da Literatura são aplicáveis e bem-vindas no ensino da História e na compreensão de eventos históricos. No

ensino de História, os textos literários podem, sim, ampliar o entendimento dos discentes. No caso do cordel, a leitura rimada também é um convite a mais para que os leitores fiquem atentos ao discurso do(a) escritor(a).

O texto poético pode ser uma ferramenta importantíssima para compreendermos muitos conteúdos da História, como o cangaço. Os cordéis, por exemplo, podem trazer elementos que passaram despercebidos ao livro didático.

Já sabemos que a Literatura se vale da imaginação e da invenção em suas histórias, misturando real e ficção, como no cordel *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião* (2013), do poeta Antônio Francisco. Nele, o autor simula uma conversa de Lampião nos dias de hoje, como se o personagem voltasse ao presente para uma prosa com os leitores. O interessante é como o cordelista mescla a cultura popular com a história de Lampião.

Quantas histórias já foram lidas pelos alunos em aulas de Literatura, nas quais os personagens tecem a narrativa, muitas vezes, por meio da imaginação, da conotação? Essa inventividade, porém, não é apenas literária, pois é um recurso histórico, parte de fontes históricas.

Nesta dissertação, enfatizei a importância da literatura de cordel, que não se trata apenas de um “acervo de folhetos ou narrativas”. Reforço que a literatura é uma arte que conforma diversas linguagens, amplia interpretações e (re) leituras do passado-presente, além de ser fonte de pesquisa e ensino. Destaco, ainda, a necessidade da formação docente com foco na qualificação de professores e na proposição de atividades que usem as imagens (xilografuras, em especial) como documento.

Entre os cordéis que trazem a figura de Lampião como personagem histórico, observei que estes apresentam suas singulares e particularidades, sem reduzi-lo à condição de “herói” ou “bandido”, mas inscrevendo-o como sujeito da História.

Como os discursos do cordel podem levar à compreensão do passado? Na sala de aula, os alunos talvez perguntem sobre a bravura, as ações, os motivos de Lampião e/ou outros cangaceiros: como responder tais questões? Por que as narrativas dos cordelistas dialogam tanto com as imagens do “banditismo” e do “heroísmo”, ainda que de modo crítico? Essas são perguntas que sugerem a potencialidade do cordel no espaço escolar, principalmente para ensinar História.

A partir da análise crítica dos poemas, podemos desmontar interpretações míticas e ressignificar os cordéis como documentos a partir dos quais lemos um fato histórico, evitando tratar os textos literários apenas em função de seu encanto artístico e do viés estético. A

criticidade nos discursos e métodos em ação na sala de aula deve ser conduzida pelo docente, que poderá se valer tanto das narrativas escritas quanto das xilogravuras.

Palavras e imagens são fontes de conhecimento. Sim, as ilustrações e os textos dos cordéis podem ser auxiliares na formação do pensamento histórico, na compreensão das entrelinhas e estruturas do discurso historiográfico – a depender de como e de quem os analisa.

Ainda temos que considerar, no trato do cordel, além da intencionalidade do (a) poeta ou da interpretação dos leitores, as condicionantes históricas, econômicas, sociais, políticas e religiosas dos textos e dos sujeitos envolvidos nos atos de produção, edição e leitura. Não é possível separar os sujeitos do seu tempo, da sua história, ou seja, o discurso é parte da representação dos sujeitos que vivem e fazem história.

As discussões aqui apresentadas pretenderam apontar algumas direções quanto ao ensino dos saberes historiográficos, reforçando que a História, para além do imaginário imediato, é ciência, é produto de pesquisa científica. Discutir o ensino de História é também reconhecer e afirmar o caráter científico da disciplina, sua condição epistemológica.

No livro *Cordel em arte e versos: xilogravuras* de Erivaldo Ferreira da Silva (2008), Moreira de Acopiara nos lembra do quão significativo é ler versos em torno de uma fogueira. O cordel é arte, e esta vai além da mera “comunicação”, pois é palco da vida em movimento e não se limita aos “gabinetes da historiografia” (Lucena, 2016).

REFERÊNCIAS

Documentos – cordéis

BRAGA, Luzimar Medeiros. *Lampião, Rei do Cangaço*. Mossoró: Queima-Bucha, 2017. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

CABRAL, João Firmino. *Lampião: herói ou bandido?* Fortaleza: Tuynaquim, 2009.

D'ALMEIDA FILHO, Manoel. *Os cabras de Lampião*. Aracaju: Luzeiro, 1965.

DILA, Ferreira. *Lampião e Maria Bonita*. 1. ed., 1978.

INÁCIO, Severino. *Lampião queimou a fama no fogo de Mossoró*. Mossoró: Queima-Bucha, s/d. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

MEDEIROS, Antônio Américo de. *Lampião e sua história contada em cordel*. Capa: Edilson Cavalcanti. Ilustração: Dila. Patos: Coqueiro, 1996.

MEDEIROS, Antônio Américo de. *O fracassado ataque de Lampião à cidade de Mossoró*. Mossoró: Queima-Bucha, 2013. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

MEDEIROS, Marcos. *A Caatinga Sustentou Campesino e Cangaceiro*. Mossoró: Queima-Bucha, 2010. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

MELO, Antônio Francisco Teixeira de. *O ataque de Mossoró ao bando de Lampião*. Mossoró: Queima-Bucha, 2006.

VICTTOR, Jorge. *O Cangaço, Sua Origem e os Bravos Cangaceiros*. Rio de Janeiro; Mossoró: Academia Brasileira de Literatura de Cordel; Queima-Bucha, 2009. (Coleção Queima-Bucha de Cordel).

Referências gerais:

ABREU, Márcia. “Então se forma a história bonita”: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004.

ACOPIARA, Moreira de. *Cordel em arte e versos: xilogravuras de Erivaldo Ferreira da Silva*. 1. ed. São Paulo: Duna Dueto; Acatu, 2008.

AMARAL, Raíssa Cardoso. Literatura e história: possíveis aproximações. *História em revista*, Pelotas, v. 23, p. 146-162, dez. 2017.

ARAÚJO, Juliana Bacelar de; TROVÃO, Cassiano José Bezerra Marques. Desigualdade nas mesorregiões nordestinas: uma análise multidimensional dos anos 2000. *Revista Política e Planejamento Regional*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 71-90, jan./jun., 2015.

ASSARÉ, Patativa do. ABC do Nordeste Flagelado. *Site Vermelho*, 2008. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2008/11/09/patativa-do-assare-abc-do-nordeste-flagelado-2/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 512 p.

BARBOSA, Márcia Helena Saldanha; GAGLIETTI, Mauro. A reinvenção do passado: relações entre literatura e história no ensino. *VIDYA*, Santa Maria, v. 21, n. 37, p. 55-66, jan./jun. 2002.

BRASIL. Ministério da Cultura. Literatura de cordel: Dossiê de Registro. *Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional – IPHAN*. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP. Brasília, 2018.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. Bauru: Editora UNESP, 2004.

CADÓ, Emílio José. *A literatura de cordel no ensino de história local: memórias do cangaço no Rio Grande do Norte*. 2022. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

CANGAÇO. *Canoa de Tolda*, 2019. Disponível em: <https://canoadetolda.org.br/o-baixo-sao-francisco/cangaco/>. Acesso em 3 fev. 2024.

CARDOSO, Fernando Henrique; LOVE, Joseph; WIRTH, John; LEVINE, Robert; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; FAUSTO, Boris; DEAN, Warren; PRADO, Maria Ligia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim; GNACARINI, Paul Singer; OLIVEIRA, Francisco de. *O Brasil republicano: estrutura de poder e economia (1889-1930)*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, tomo III, v. 1, 2004.

CATUNDA, Maria de Lourdes Aragão. Quem nasceu pra Lampião jamais será lamparina. *Cantinho da Dalinha do Cordel*, 25 de novembro de 2014. Disponível em: <https://cantinhodadalinha.blogspot.com/2014/11/quem-nasceu-para-lampiao-jamais-sera.html>. Acesso em 1 fev. 2024.

CAVALCANTE, Adriana Martins. *Romance (re)contado em prosa e verso: diálogos entre o “clássico” e a literatura de cordel na sala de aula*. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

CONCEIÇÃO, Elvisa Shalimar Dias Franco Ribeiro da. *Literatura de Cordel para a Sala de Aula: sugestões sobre os usos*. 2010. 44f. Monografia (curso de Pedagogia) Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COSTA, Ana Paula Rodrigues. Geografia do cangaço: concepções conceituais para pensar o banditismo sertanejo. *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 41, p. 1-12. 2021.

- CURRAN, Mark J. *História do Brasil em cordel*. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2009.
- DALVI, Maria Amélia. Literatura na educação básica: propostas, concepções, práticas. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, Vitória, a. 10, n. 38, p. 123-140, jul./dez. 2013.
- FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 56p. (Coleção Passo-a-Passo).
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed. 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2006. 639 p.
- FAZENDA, Ivani (org.). *O que é interdisciplinaridade?*. São Paulo: Cortez, 2008. 208 p.
- FERREIRA JÚNIOR, José. Ensino de História na Educação Básica: o uso da literatura de Cordel como Ferramenta Didática. *Revista Eletrônica Discente História.com*, Cachoeira, v. 7, n. 13, p. 108-123, 2020.
- FERREIRA JÚNIOR, José. *Lampião, um desconhecido em seu lugar de origem: a invisibilidade histórica lampiônica no ensino de história em escolas públicas de ensino fundamental*, em Serra Talhada – PE. 2021. 141 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Regional do Cariri, Crato.
- FERREIRA, Antônio Celso. A narrativa histórica na prosa do mundo. *Itinerários*, Araraquara, v. 15/16, p. 133-140, 2000.
- FERREIRA, Grace Kelly. Folhetos de acontecido e sua potencialidade no ensino de História e na Infância. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA; SEMANA DE HISTÓRIA, 8; 22., 2017, Maringá. *Anais*. Maringá: CIH, 2017. p. 3197-3205.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)*. 2000. 537 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- GRUNSPAN-JASMIN, Elise. *Lampião, senhor do sertão: vidas e mortes de um cangaceiro*. Trad.: Maria Celeste Franco Faria Marcondes e Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2006. 390p.
- GUIMARÃES, Rafael Eisinger. Visões sobre Vargas: aproximações e distanciamentos entre história, romance e literatura de cordel. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. *Anais*. São Leopoldo: ANPUH, 2007. p. 1-9.
- HAURÉLIO, Marco. *Literatura de cordel: do sertão à sala de aula*. São Paulo: Paulus, 2013. 163 p. (Coleção Ler+mais).
- HOLANDA, Arlene; RINARÉ, Rouxinol do. *Cordel: criar, rimar e letrar*. 1. ed. Fortaleza: IMEPH, 2009. 96p.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mapa Brasil Semiárido. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.
- ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Trad.: Johannes Kretschmer. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 424p.

J. VICCTOR. *Rovelle Editora*, s/d. Disponível em: <https://www.rovelle.com.br/autores/114/j--victtor>. Acesso em 20 fev. 2024.

LACERDA, Franciane Gama; NETO, Geraldo Magella de Menezes. Ensino e Pesquisa em História: a literatura de cordel na sala de aula. *Outros Tempos*, São Luís, v. 7, n. 10, p. 217-236. 2010.

LUCENA, Bruna Paiva de. “*É fácil ver a chuva quando você não se molha*”: os gabinetes da historiografia literária e do cordel e as poéticas a céu aberto. 2016. 180 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília.

MALDI, Denise. A questão da territorialidade na etnologia brasileira. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 1998.

MARTINS, Ana Cláudia Sampaio; ALMEIDA, Ana Luiza Nunes. O discurso histórico-literário construído por Tabajara Ruas, em Netto perde sua alma. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 111-120, jan./jun. 2016.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 7.; ENCUENTRO DE GEOHISTORIA REGIONAL, 35.; SEMANA DE HISTÓRIA, 20., 2015, Maringá. *Anais*. Maringá: CIH, 2015. p. 3889-3901.

MATOS, Carmem Alessandra Cabral Mota. *O personagem Lampião na literatura de cordel: um caminho para o letramento literário*. 2019. 89 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, Espaço de Identidade. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 217- 227.

MELO, André Magri Ribeiro de. *Uma tradição reinventada: o cordel na contemporaneidade*. 2022. 319 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MELO, Antônio Francisco Teixeira de. *Escrever é sonhar*. 4 p. Mossoró: Edição do autor, v. 17, 2015. 4 p.

MEMÓRIAS DA POESIA POPULAR. Informação sobre vida e obras dos cordelistas brasileiros. Disponível em: <https://memoriasdapoesiapopular.com.br/>. Acesso em 19 fev. 2024.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. *Anais*. Londrina: ANPUH, p. 1-8.

NASCIMENTO, Mariane de Jesus. O uso da linguagem literária no ensino de História: cordel. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. *Anais*. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-7.

NEVES, Francisco Paiva. *Literatura de cordel: Origens e Perspectivas Educacionais*. 2018. 98 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

NOGUEIRA, André. O Rei antes de Lampião: Antônio Silvino, o mais famoso de uma família de cangaceiros. *Aventuras da História (UOL)*, 9 jun. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-rei-antes-de-lampiao-antonio-silvino-mais-famoso-de-uma-familia-de-cangaceiros.phtml>. Acesso em 11 jan. 2024.

OLIVEIRA, Daniela Santana; FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. A paisagem nordestina na poesia de Patativa do Assaré: possibilidades para o ensino de geografia. *Interface*, Porto Nacional, v. 15, n. 15, p. 81-98, jun. 2018.

OLIVEIRA, Arusha Kelly Carvalho De. *Literatura x história: o homem lampião na mitologia do cordel*. Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61002>>. Acesso em: 05/05/2024

PEREIRA, Albert Fagner de Aguiar. *A literatura de cordel no ensino de história: usos e possibilidades*. 2022. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Pernambuco, Petrolina.

PEREIRA, Vanessa Mosca; LOIOLA, Maria Iracema Bezerra. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. *Revista Caatinga*, Mossoró, v. 22, n. 4, p. 225-234, out./dez. 2009. pp. 225-234.

PESAVENTO, Sandra. Jatahy. A contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Editora Unicamp, 1998. p. 17-40.

PONTES, Edna Matosinho de. João Firmino Cabral. *Galeria Pontes*, 2020. Disponível em: <https://www.galeriapontes.com.br/project/joao-firmino-cabral/>. Acesso em 15 fev. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. 277 p.

QUARESMA, Valentim; DINIZ, Francisco. Biografia Medeiros Braga - Membro da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel). *Projeto Cordel*, 2017. Disponível em: <https://www.projetcordel.com.br/2021/sobrenos.php>. Acesso em 15 fev. 2023.

RAMALHO, Maria Francisca de Jesus Lírio. A fragilidade ambiental do Nordeste brasileiro: o clima semiárido e as imprevisões das grandes estiagens. *Sociedade e Território*, Natal, v. 25, n. 2, p. 104-115, jul./dez. 2013.

RAMOS FILHO, Vagner Silva. Cangaço: um mito no “País dos Nordestinos”. *Ponta de Lança*, São Cristóvão, v. 12, n. 22, p. 145-163, jan./jun. 2018.

RAMOS FILHO, Vagner Silva. Lampião: nem bandido, nem herói, ele é história? – contradições do cangaço como patrimônio cultural nordestino. In: SEMINÁRIO

INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, 3., 2017, Florianópolis. *Anais*, Florianópolis, UDESC, p. 1-16.

RICARDO, Vânia Karla Dantas; MELO, Luilson Lucas de; SILVA, Marcos Vieira da. O Ensino de História no Conto Literário: valorizando saberes e fazeres para uma aprendizagem significativa. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Fortaleza. *Anais...* Campina Grande: Editora Realize, 2019. p. 1-9.

RICARDO, Vânia Karla Dantas; TAMANINI, Paulo Augusto. Interdisciplinary methodologies between cordel literature and history teaching. In: VALENTE, Nathan Albano (org.). *Principles and Concepts for development in nowadays Society*. California: Seven publicações, 2022. p. 1765-1772.

RICARDO, Vânia Karla Dantas; TAMANINI, Paulo Augusto. Literatura de Cordel no Ensino de História: uma costura possível. In: TAMANINI, Paulo Augusto (org.). *O ensino, o ontem e o hoje: alinhando os fios da memória no atual fazer docente*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 29-44.

RODRIGUES, Linduarte Pereira. O “entre-lugar” dos folhetos de cordel no século XXI. *Boitatá*, Londrina, v. 9, n. 18, p. 158-176, jul./dez. 2014.

RODRIGUES, Linduarte Pereira; SILVA, Rodrigo Nunes da. A representação do homem do Nordeste no cordel. *Discursividades*, Campina Grande, v. 2, n. 1, p. 49-74, mar. 2018.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

SAMPAIO, Jaqueline Santos. *Encontros possíveis entre ensino de história, imagens e arte: uma análise do livro didático História em Movimento (2014)*. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção Como eu ensino).

SANTOS, Ary Leonan Lima. *Utilização do cordel como ferramenta para o ensino de história: conceitos, repertórios e experiências*. 2018. 102 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

SANTOS, Cleyton Ferreira; SANTOS, Maria Aparecida Lima dos. Literatura de cordel e ensino de história: potencialidades para a aprendizagem e a materialidade do escrito. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM ENSINO DE HISTÓRIA (ABEH), 9., 2020, Ponta Grossa. *Anais do XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História*, Ponta Grossa: ABEH, p. 1-14.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. História e literatura: uma relação possível. *R.cient./FAP*, Curitiba, v. 2, p. 117-126, jan./dez. 2007.

SARAMAGO, José. História e ficção. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, ano X, n. 400, jun. 1990, p. 19.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2009. 199p.

SENA, Adriano Gonçalves. *A História do Cangaço através da Literatura de Cordel no Século XX*. 2021. 30 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia.

SILVA, Anne Patrícia Pimentel Nascimento da; SOUZA, Roberta Teixeira de; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. *Educação*, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1-12, set./dez. 2020.

SILVA, Fábio Ricardo. Linguagens alternativas e ensino de história: o uso dos folhetos de cordel na sala de aula. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 27., 2013, Natal. *Anais*. Natal: ANPUH, 2013. p. 1-13.

SILVA, Joseilton José de Araújo. *A utilização da literatura de cordel como instrumento didático metodológico no ensino de geografia*. 2012. 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA, Josivaldo Custódio da. *Literatura de Cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula*. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SINCOPADO – MÚSICA E HISTÓRIA. #5- Quintana – “Poeminho do contra”-“Pedra rolada”-“Elegia Ecológica”. YouTube, 6 de fevereiro de 2018. 1min42s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aGe1iuvxuE8>. Acesso em 12 mar. 2022.

SOUZA, Anildomá, Willans. *Lampião: Nem Herói, nem bandido... A História*. 4. ed. Serra Talhada: GDM Gráfica, 2009.

SOUZA, Célia Camelo de. *Academia dos cordelistas do Crato: história, memória e educação (1991-2016)*. 2018. 241 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

SOUZA, Cristyanne Melo. *Xilogravuras do mestre Dila: uma contribuição do Design para a disseminação da sua obra Caruaru*. 2011. 71f. Monografia (Graduação em Design) – Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru.

SOUZA, Florentina. Literatura e História: saberes em diálogo. *Cadernos Afro-Paraibanos*, João Pessoa, v. 4, n. 2, p. 15-28, dez. 2015.

SOUZA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Horizontes*, Itatiba, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

SOUZA, Natalia Maria Ribeiro de. *A Literatura de Cordel e a Xilogravura como Ferramentas de Aprendizagem no Ensino da Arte-Educação*. 2019. 56 f. Monografia (Especialização em

Educação e Patrimônio Cultural e Artístico) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília.

SUZUKI, Teiiti. Origem e desenvolvimento da xilogravura UKIYO-E. *Estudos Japoneses*, São Paulo, p. 93-98. 1988.

TAMANINI, Paulo Augusto (org.). *O ensino, o ontem e o hoje: alinhavando os fios da memória no atual fazer docente*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

TERRA, Rute Brito Lêmos. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930)*. São Paulo: Global, 1983. 190p.

TRAGINO, Arnon. História da literatura e história do livro e da leitura – algumas aproximações. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 8, n. 2, p. 349-363, ago./dez. 2016.

TROMBETA, Luciana de Moraes. *Ensino de história e direito à inclusão: uma proposta analítica a partir da literatura de cordel*. 2021. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.

XAVIER, Erica da Silva. O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador. *Antíteses*, Londrina, v. 3, n. 6, p. 1097-1112, jul./dez. 2010.

ZUCCHI, Bianca Barbagallo. *O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: teoria, conceitos e uso de fontes*. São Paulo: Edições SM, 2012.